

DE

defesa de ESPINHO

DIRECTOR: AMADEU MORAIS — 18-6-76 — SEMANÁRIO — N.º 2306 — ANO 45 — PREÇO: 3\$00

HOSPITAL DE ESPINHO

Por AMADEU MORAIS

Correspondendo à solicitação feita pela Comissão Administrativa da Câmara Municipal, o Senhor Secretário de Estado da Saúde recebeu na passada Terça-feira, dia 8, uma Comissão constituída por 17 pessoas de Espinho, que representavam a Comissão Administrativa, o nosso Jornal, os trabalhadores do Hospital e os seus utentes de todas as freguesias que o concelho compreende.

Registamos com muito agrado em primeiro lugar o modo franco, leal, prático e cortês como a Comissão foi recebida pelo Senhor Secretário de Estado; depois, o interesse sincero com que apreciou as exposições feitas e o modo superior como o diálogo foi conduzido; e por último a receptividade inequivocamente patenteada para aceitar um problema sério e procurar resolvê-lo dentro da sua dimensão.

Da parte de quem expôs não houve subtilidades, palavras inúteis, politiquice regional. De quem ouviu e, depois, colaborou, não houve promessas vãs, sorrisos enganadores, paternalismo cortez.

E quem foi a Lisboa saiu do encontro com a convicção de ter visto um homem no seu lugar próprio, com conhecimento dos problemas da sua pasta, e das suas dificuldades, interessado em ajudar a resolvê-los do modo mais justo.

A Comissão não saiu de Lisboa com garantias absolutas de ter resolvido o problema que preocupa toda a população espinhense e da vasta zona que serve: há que traduzir em números, em gráficos, em descrição pormenorizada muitas das realidades que o Hospital de Espinho significa e que se torna necessário dar a conhecer a quem vai debruçar-se sobre a solução a dar ao problema da assistência hospitalar do País.

Mas, considerando inoportuno relatar por ora tudo quanto se passou, não deixaremos de transmitir aos nossos leitores que toda a Comissão saiu do Ministério no convencimento de que Espinho não verá diminuído o seu Hospital e vai vê-lo classificado com a categoria correspondente ao seu real valor e valorizado, até, para melhor servir o concelho e a vasta região que já hoje o utiliza.

Felicitemos o Senhor Secretário de Estado da Saúde pelo exemplo magnífico que nos deu e rematamos dizendo-lhe que viemos confiantes nas suas palavras e na sua promessa, que para nós ficou a ser uma garantia, até porque não temos a mais pequena dúvida de que o Hospital de Espinho vale mais ainda do que aquilo que as palavras da Comissão deixadas na sala puderam traduzir.

VISOR

Afinal, segundo prova real, a rua 19 poderia ser fechada definitivamente ao trânsito. Enquanto decorrem as obras de mudança de piso, a nossa artéria principal tem estado proibida à circulação de veículos e, ao que consta, ninguém morreu por ir a pé às compras, ao coração do nosso centro comercial n.º 1. Como, também, os automóveis se arrumaram por outros locais, sem precisarem de obstruir uma rua onde, apenas, se deveria circular a pé, para lá de, eventualmente, veículos de transportes públicos. Mas, e oxalá não seja verdade, diz-se que era preciso gastar a verba destinada para tal efeito e, portanto, como não há outras necessidades, até está bem. É evidente, estudar-se antes a melhor solução, a solução capaz de melhor servir os interesses gerais e projectada no futuro, isso era de sobremesa. Havia uma verba pedida para re-pavimentar a rua. Foi concedida. Pavimenta-se a rua, interesse ou não. Seja, ou não, uma solução infeliz quanto ao futuro. Enfim...



E VIVAM AS FESTAS POPULARES!

Cá estão elas, outra vez, com o mesmo (ou redobrado) entusiasmo. Apesar de toda a politização por atacado, apesar da campanha eleitoral, apesar da inflação, apesar dos gravíssimos problemas de toda a ordem que afligem o País. E também contra a corrente dos ditos sentenciados, e altamente progressistas, de certos doutores, padres, novos-ricos e demais vanguardistas ignorantes ou alheios ao fenómeno «Povo». Mas, por falar nisso, achamos piada às grosas a alguns «juizes justiceiros» das festas do seu burgo

que não dispensam os seus regabofes selecto-privados e, porque não, a sua farrasita em idênticas festas populares fora de portas... Bolas para a coerência! Cada vez a lógica é mais batata para certa gente! Não ignoramos o quanto de alie-

guém que ocupa posição responsável perante o povo, e se dava ares autoritários para condenar as festas populares, um homem comum disse, e todos aplaudiram: o sr. não quer as festas, mas faz férias a passear pelo estrangeiro; já pensou se nós podemos fazer o mesmo?

Por MANEL

Acrescentamos que esta resposta, dura, incisiva, faz o tal sr. (que conhecemos pessoalmente) mudar de opinião...

natório (raio de palavra!) marca a maioria das festas, ainda com um certo cariz religioso — pelo menos no título; mas apostamos à certa que são bem mais alienatórias essas montanhas de mesas redondas e bicudas, reuniões, conferências, encontros de grupos e grupelhos, «festas íntimas» (que lindo nome!), etc., etc., que, tudo muito bem espremido, não conduzem a coisa nenhuma.

Mas aí estão as Festas populares: o St.º António, o S. João e o S. Pedro, todas com «largo consumo» na nossa região. Com altifalantes terrivelmente sonoros, com luzinhas, com balões e, sobretudo, com muita gente. Por mais que gritem de tédio os puritanos!

Sem consultarmos os últimos partos dos filósofos e minguando-nos o tempo e disposição para ouvir a última opinião dos sócio-pensadores da moda, temos uma convicção certamente pessoal e discutível: cada coisa tem o seu lugar e o Povo-Povo sabe muito bem aquilo que quer e o que não quer, do que gosta e do que não gosta.

Por mais problemática que esteja a vida e a sociedade!

Nesta linha, de duas, uma: ou os líderes do Povo põem a sua atenção e imaginação a funcionar e enriquecem os valores naturais e tradicionais do Povo, ou tornam-se ridículos à boa maneira de D. Quixote idealista-louco que não via as realidades.

E depois de cada festa, já está o pensamento na que se segue.

Pretender destruir as festas pura e simplesmente é, no mínimo, uma grosseira manobra caciquista, reveladora de quem se julga superior ao Povo, e por isso o despreza. E o Povo não tolera — não deve nunca tolerar — ditadores que o esmaguem com as suas birras, discursos enfiados e mau-génio.

Recordamos, a propósito, que a al-

guém que ocupa posição responsável perante o povo, e se dava ares autoritários para condenar as festas populares, um homem comum disse, e todos aplaudiram: o sr. não quer as festas, mas faz férias a passear pelo estrangeiro; já pensou se nós podemos fazer o mesmo?

Neste Número:

SILVALDE Pág. 7

OS ACELERAS E A AVENIDA DA PRAIA Pág. 10

AO ACASO Pág. 10

VÉRTICE

Por CARLOS SÁRRIA

«JOK»

Num destes últimos fins de semana, eu trabalhador de caneta, máquina de escrever e de calcular — as minhas enxadas, os meus arados — que uso como força do trabalho a massa cinzenta — que, normalmente, no operário vale pela força física — para dar repouso à caixa de pensar, depois de quarenta e tantas horas de labor e de preocupações pela insegurança do amanhã — que preocupa, sobretudo, quem nunca soube viver senão unicamente do produto alcançado por esse meio —, resolvi ir ao Porto, para ver o «JOK». E, sem dúvida, vim de lá bem melhor, com o espírito desanuviado, satisfeito.

Em boa hora o fiz, digasse desde já, em abono da verdade. Mas, já

(Continua na 7.ª pag.)

NOVOS ASSINANTES

«DEFESA DE ESPINHO» iniciou uma vasta campanha de novos Assinantes passando a enviar exemplares do Jornal a residentes do concelho que não o recebiam.

O novo Leitor receberá, assim, gratuitamente, três exemplares seguidos, e não os devolvendo, de imediato, passará a ser considerado assinante.

Esperamos, deste modo, que os novos Leitores passem a considerar «DE» o seu Jornal.

Semanalmente, mencionaremos a relação dos novos assinantes obtidos nesta campanha.

RELAÇÃO DOS NOVOS ASSINANTES QUE ADERIRAM À CAMPANHA QUE VIMOS MANTENDO

António Augusto Dias Costa, António Alves Ferreira, António da Costa Pais, Américo Ferreira Pais, António Delfim Furriel Ruano, Adelino Coelho, Ângelo Alberto Moreira Pinto, António do Amaral Coutinho, António Alves Pinheiro, António Joaquim Alves, António Maria de Lourdes, António da Costa Raimundo, António Ernesto da Silva Oliveira, Abel José Pereira Rodrigues, Américo Prazeres Cruz Diniz, António Gomes da Silva, Abílio da Cunha Ribeiro, António Henrique de Sousa Alves, António Francisco da Costa Viana, André dos Santos Ferreira Pedro, Aníbal Bouçon Braga, António Guilherme da Cunha e Silva, António Gabriel Alves Fontoura da Fonseca, António Brito de Oliveira, António Fernandes Teixeira, Adelino Moreira Reis, António Lopes Campos Matos, António Francisco Murteira Carrasco, António Armando Guimarães M. Coutinho, Acácio Fernando Gonçalves Maia, António Maria Afonso Cid, António José da Silva Andrade, António Joaquim de Oliveira Iglésias e António Henriques Ribeiro.

FRANCELINA FERNANDES DE OLIVEIRA

MISSA DO 4.º ANIVERSARIO



Seus padrinhos mandam celebrar no dia 18 deste mês, Missa do 4.º Aniversário, na Igreja Paroquial de Anta, pelas 20 horas.

Desde já agradecem a todas as pessoas amigas que se dignarem comparecer neste piedoso acto. Reconhecidos agradecem.

Joaquim Gomes Pereira

Electricista de Automóveis

Montagem de auto-rádios, aparelhagem electrónica para verificação de alternadores. Bobinagem de dínamos e motores. Testes eléctricos e Focagem de faróis.

(Serviço Mobil)

Rua 15 — Telef. 921900 — ESPINHO

Residência — Telef. 964194

ALUGA-SE

Armazem, na Rua 22, N.º 1200

ESPINHO

ESCRITÓRIOS

Alugam-se salas próprias para escritórios, em 1.º andar e um estabelecimento no rés-do-chão.

Falar na Avenida 24, n.º 741-r/c em Espinho, das 14 às 16 horas.

PASSA-SE

CASA DE MÓVEIS SITUADA NA RUA 4, N.º 667

MOTIVO À VISTA

FALAR DAS 9 ÀS 12,30 E DAS 14,30 ÀS 19,00 HORAS

FÁBRICA HÉRCULES

de AFONSO HENRIQUES, SU CRS. LDA.

INDÚSTRIA TRANSFORMADORA

MATÉRIAS PLÁSTICAS

Injecção — Compressão — Extorsão — Insuflação — Rotação — Vácuo

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: HERCULES

TELEFONES: 920540 - 921098

APARTADO: 40

ESPINHO

« HÉRCULES »

GARANTIA de FABRICO e QUALIDADE

PUBLICIDADE



ALGUNS DADOS BIOGRÁFICOS DE

RAMALHO EANES

Amanhã, 19, pelas 15 horas, no Largo da Câmara Municipal, fará uma paragem, para cumprimentar a população, o General Ramalho Eanes.

AGRADECIMENTO E MISSA DO 7.º DIA

JOSÉ FERRÃO TAVARES

(Inspector reformado da CP residente na Rua 15, n.º 907 em Espinho)

Esposa, filhos e filhas, noras e genros, netos e mais família agradecem a todas as pessoas que assistiram ao funeral e participar a celebração da missa do 7.º dia, na próxima sexta-feira, 18, pelas 19 horas, na Igreja Matriz de Espinho.

PRECISA-SE

QUARTO COM OU SEM CAMA

PAGA-SE BEM

Telefone, 922165

ESTABELECIMENTO DE MÓVEIS E DECORAÇÕES

ESPECIALIDADES EM MOBÍLIAS DE ESTILO SÉCULO XVII

★

JOSÉ AZEVEDO PERES BIZARRO

Rua 4 n.º 667 — Telef. 921324 ESPINHO

António dos Santos Ramalho Eanes nasceu em Alcains (Castelo Branco) em 25 de Janeiro de 1935. Casado com D. Maria Manuela Duarte Neto Portugal, tem um filho de quatro anos, Manuel António.

Completado, em Castelo Branco, o Curso Geral dos Liceus, assentou praça, como voluntário, em 15 de Outubro de 1953, na Escola do Exército optando, portanto, pela carreira militar. Frequentou, ainda, a Faculdade de Direito de Lisboa e o Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Na vanguarda do movimento de consciencialização da parte sã das Forças Armadas que havia de dar origem à acção libertadora do 25 de Abril de 1974, Ramalho Eanes distinguira-se já ao encabeçar, em 1973, o movimento de protesto contra a farsa do Congresso dos Combatentes, sendo também saliente a sua presença em movimentos de reivindicação de carácter profissional que desbravariam caminho para a tomada de consciência de largas camadas de jovens oficiais.

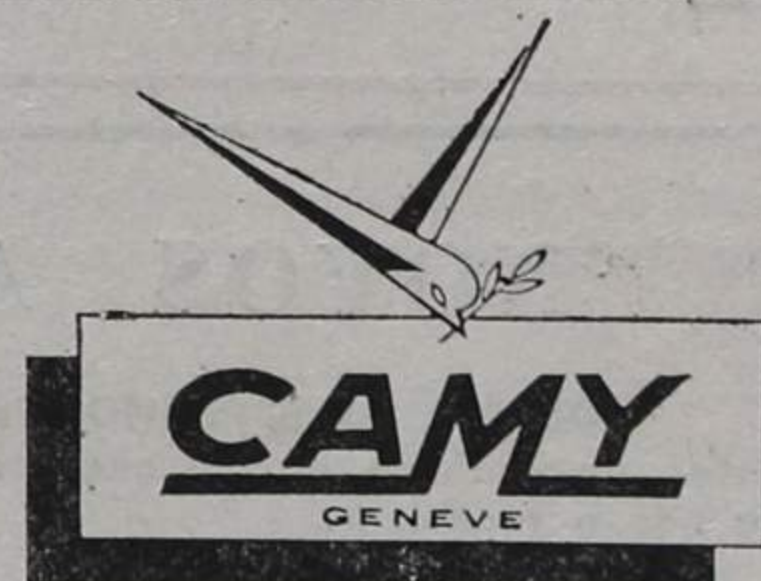
Após passar pela RTP onde vincou a sua personalidade e deixou a marca inconfundível do seu carácter, é colocado no Estado-Maior General das Forças Armadas, colaborando nos Serviços de Apoio ao Conselho da Revolução.

Um dos primeiros assinantes do «Documento dos Nove», prepara, com um escol de oficiais, os planos necessários para a contenção do aventureirismo, pseudo-revolucionário que avassala o País.

Coroadas de êxito as acções militares relativas ao 25 de Novembro, passou então a desempenhar as funções de Chefe do Estado-Maior do Exército, escolhido pelos seus camaradas, empenhand-se em «fazer do Exército uma instituição nacionalmente prestigiada e intimamente ligada ao povo que deve servir», conforme afirmou no acto de posse daquelas elevadas funções.

Fiel ao ideário do 25 de Abril, o general Ramalho Eanes, criadas que foram as condições que o levaram a concluir pelo carácter de serviço nacional da sua candidatura, anunciou tal intenção ao povo português no dia 14 de Maio.

Pouco antes, após prestigante contacto com os meios político-militares europeus na reunião da NATO em Bruxelas e após ter denunciado, com frontalidade sóbria, recentes e obscuras manobras, Ramalho Eanes afirmou em Santarém aquilo que se pode definir como o cerne do seu programa, se investido nas funções de Presidente da República: «O POVO PORTUGUÊS TERÁ A SUA DEMOCRACIA. E NÃO HAVERÁ DITADURA QUE CONSIGA IMPÔR-SE-LHE».



O máximo em qualidade! Do melhor em apresentação!

O bom gosto e eficiência, são atributos do relógio «CAMY», a mais preciosa das jóias

Está na hora de acertar: compre «CAMY»!

NÃO DEITE LIXO NOS BOLSOS! NEM NO CHÃO.



SEMANÁRIO (AVENÇADO)

FUNDADOR: BENJAMIM COSTA DIAS

PROPRIEDADE: EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA 19, N.º 62 — TELEFONE, 921525

Composição e Impressão: Of. Gráf. de «O Primeiro de Janeiro»

Constituição da República Portuguesa

Continuação da 10.ª pág.

da pelo desenvolvimento da educação sanitária do povo.
3. Para assegurar o direito à protecção da saúde, incumbe prioritariamente ao Estado:

- Garantir o acesso a todos os cidadãos, independentemente da sua condição económica, aos cuidados da medicina preventiva, curativa e de reabilitação;
- Garantir uma racional e eficiente cobertura médica e hospitalar de todo o país;
- Orientar a sua acção para a socialização da medicina e dos sectores médico-medicamentosos;
- Disciplinar e controlar as formas empresariais e privadas da medicina, articulando-as com o serviço nacional de saúde;
- Disciplinar e controlar a produção, a comercialização e o uso dos produtos químicos, biológicos e farmacêuticos e outros meios de tratamento e diagnósticos.

ARTIGO 65.º

(Habitação)

- Todos têm direito, para si e para a sua família, a uma habitação de dimensão adequada, em condições de higiene e conforto e que preserve a intimidade pessoal e a privacidade familiar.
- Para assegurar o direito à habitação, incumbe ao Estado:
 - Programar e executar uma política de habitação inserida em planos de reordenamento geral do território e apoiada em planos de urbanização que garantam a existência de uma rede

adequada de transportes e de equipamento social;

- Incentivar e apoiar as iniciativas das comunidades locais e das populações tendentes a resolver os respectivos problemas habitacionais e fomentar a autoconstrução e a criação de cooperativas de habitação;
 - Estimular a construção privada, com subordinação aos interesses gerais.
- O Estado adoptará uma política tendente a estabelecer um sistema de renda compatível com o rendimento familiar e de acesso à habitação própria.
 - O Estado e as autarquias locais exercerão efectivo controlo do parque imobiliário, procederão à necessária nacionalização ou municipalização dos solos urbanos e definirão o respectivo direito de utilização.

ARTIGO 66.º

(Ambiente e qualidade de vida)

- Todos têm direito a um ambiente de vida humano, sadio e ecologicamente equilibrado e o dever de o defender.
- Incumbe ao Estado, por meio de organismos próprios e por apelo a iniciativas populares:
 - Prevenir e controlar a poluição e os seus efeitos e as formas prejudiciais de erosão;
 - Ordenar o espaço territorial de forma a constituir paisagens biologicamente equilibradas;
 - Criar e desenvolver reservas e parques naturais e de recreio, bem como classificar e proteger paisagens e sítios, de modo a garantir a conservação da

natureza e a preservação de valores culturais de interesse histórico ou artístico;

- Promover o aproveitamento racional dos recursos naturais, salvaguardando a sua capacidade de renovação e a estabilidade ecológica.
- O cidadão ameaçado ou lesado no direito previsto no n.º 1 pode pedir, nos termos da lei, a cessação das causas da violação e a respectiva indemnização.
- O Estado deve promover a melhoria progressiva e acelerada da qualidade de vida de todos os portugueses.

ARTIGO 67.º

(Família)

O Estado reconhece a constituição da família e assegura a sua protecção, incumbindo-lhe, designadamente:

- Promover a independência social e económica dos agregados familiares;
- Desenvolver uma rede nacional de assistência materno-infantil e realizar uma política de 3.ª idade;
- Cooperar com os pais na educação dos filhos;
- Promover, pelos meios necessários, a divulgação dos métodos de planeamento familiar e organizar as estruturas jurídicas e técnicas que permitam o exercício de uma paternidade consciente;
- Regular os impostos e os benefícios sociais, de harmonia com os encargos familiares.

ARTIGO 68.º

(Maternidade)

- O Estado reconhece a maternidade como valor social eminente, protegendo a mãe nas exigências específicas da sua insubstituível acção quanto à educação dos filhos e garantindo a sua realização profissional e a sua participação na vida cívica do país.
- As mulheres trabalhadoras têm direito a um período de dispensa do trabalho, antes e depois do parto, sem perda da retribuição e de quaisquer regalias.

ARTIGO 69.º

(Infância)

- As crianças têm direito à protecção da sociedade e do Estado, com vista ao seu desenvolvimento integral.
- As crianças, particularmente os orfãos e os abandonados, têm direito a especial protecção da sociedade e do Estado, contra todas as formas de discriminação e de opressão e contra o exercício abusivo da autoridade na família e nas demais instituições.

ARTIGO 70.º

(Juventude)

- Os jovens, sobretudo os jovens trabalhadores, gozam de protecção especial para efectivação dos seus direitos económicos, sociais e culturais, nomeadamente:
 - Acesso ao ensino, à cultura e ao trabalho;
 - Formação e protecção profissionais;
 - Educação física, desporto e aproveitamento dos tempos livres.
- A política de juventude deverá ter como objectivos prioritários o desenvolvimento da personalidade dos jovens, o gosto pela criação livre e o sentido de serviço à comunidade.
- O Estado, em colaboração com as escolas, as empresas, as organizações populares de base e as colectividades de cultura e recreio, fomentará e auxiliará as organizações juvenis na prossecução daqueles objectivos, bem como todas as formas de intercâmbio internacional da juventude.

ARTIGO 71.º

(Deficientes)

- Os cidadãos física ou mentalmente deficientes gozam plenamente dos direitos e estão sujeitos aos deveres consignados na Constituição, com ressalva do exercício ou do cumprimento daqueles para os quais se encontrem incapacitados.
- O Estado obriga-se a realizar uma política nacional de prevenção e de tratamento, reabilitação e integração dos deficientes, a desenvolver uma pedagogia que sensibilize a sociedade quanto aos deveres de respeito e solidariedade para com eles e a assumir o encargo da efectiva realização dos seus direitos, sem prejuízo dos direitos e deveres dos pais ou tutores.

ARTIGO 72.º

(Terceira idade)

- O Estado promoverá uma política da terceira idade que garanta a segurança económica das pessoas idosas.
- A política da terceira idade deverá ainda proporcionar condições de habitação e convívio familiar e comunitário que evitem e superem o isolamento ou marginalização social das pessoas idosas e lhes ofereçam as oportunidades de criarem e desenvolverem formas de realização pessoal através de uma participação activa na vida da comunidade.

OBJECTIVO ①

Foram caçados os miliantes que, ao longo da noite, punham a cidade em desassossego, através de actos de pilhagem. Desencadeada uma acção contra esses marginais, conseguiu-se emalhá-los, pois a sociedade não pode deixar de ter regras, por mais amplas liberdades que existam. Mas, é preciso continuar a exercer forte e contínua vigilância, porquanto, infelizmente, outros virão, já que a horda é enorme. E, claro, os cidadãos têm de ser defendidos, quer os seus bens, quer a sua integridade física, contra essas excrescências duma sociedade que pretendemos digna. E, por falar nisso, quando se desencadeiam acções do mesmo tipo, contra a praga da droga, que grassa nesta cidade, a preocupar toda a população, pelos perigos de que se reveste, sobretudo para a gente jovem? Há sítios onde pontificam esses centros de droga e, não há dúvida, urge agir com grande determinação para se pôr cobro a essa onda perturbadora do sossego de toda uma população.

MATOU-O A SAUDADE

Fora lá longe, para além do mar, naquelas terras quentes e prósperas, onde admirara tantas vezes um pôr-de-Sol extasiante e magnífico, que ele vivera, percorrendo os mais variados caminhos.

Conhecera inúmeras veredas que lhe proporcionaram novas experiências e lhe deram entusiasmo e alegria. E trabalhara com ardor, e chegara-lhe o tempo para fazer longas e difíceis caminhadas, concebendo planos e realizando projectos.

Mas teve que voltar, e fê-lo com a alma a sangrar, deixando lá preso o seu coração, que sentia destroçado.

Os dias passavam e ele não

via mais os horizontes que tanto amara nem os caminhos que palmilhara. E deixara de

Por LALA

se alimentar, pois perdera a vontade de comer, e os seus olhos andavam sempre tristes. Quando lhe falavam da sua tristeza, respondia que a culpa cabia a alguém e ficava-se a meditar.

Morreu há pouco, e morreu a falar de uma Angola imensa que fizera e amara, e agora lhe fora tirada tão cruelmente.

Novo ainda, jaz em cemitério que desconhecia e que não desejava.

GRANDE CASINO DE ESPINHO

ONDE O NORTE SE DIVERTE

* MÚSICA DE BAILE *

Pelos Conjuntos :

- TOP GROUP SHOW
- SURPRISE

Orquestra de SHEGUNDO GALARZA

* V A R I E D A D E S *

- Ballet Karlas Choc Show — Ballet Francês
- Anki Show — Cançonetista Sueca
- Renato Figueirinhas — Mímico-Cómico português

* RESTAURANTE - BOITE *

Jantares Concerto — Esmerado Serviço seguido de Baile e Variedades — SLOT - MACHINES —

* C I N E - T E A T R O *

SESSÕES TODOS OS DIAS — às 15,30 e 21,30 horas

* S A L Ã O D E F E S T A S *

AOS SABADOS — Soirés Dançantes e Variedades, às 22 horas

AOS DOMINGOS — Matiné Dançantes, às 16 horas com os Conjuntos privativos do Casino

Domingos Couto & Filho, Lda.

BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Escritório : Rua 18, N.º 1004 — Telefone, 920528

Armazém : Rua 8, N.º 1019 — Telefone, 922203 ESPINHO

Confeitaria Central

ESMERADO FABRICO DE PASTELARIA
VENDAS POR JUNTO E A RETALHO
SALÃO DE CHÁ — MERCEARIA FINA E FRUTAS

JOSÉ TEIXEIRA LOURENÇO

Rua 8, N.º 691 (frente ao Teatro S. Pedro) — Telefone, 920605
ESPINHO

TIPOGRAFIA — LITOGRAFIA

EMPRESA GRÁFICA DE SEIXEZELO

S. Q. R. L.

Fundada em 1960

SEIXEZELO — V. N. DE GAIA

APARTADO 13 — ARGONCILHE — TELEFS.: 964222-964847

RADAR

REPÓRTER PESTANA

LIXO, ESTRADAS & C.^a

Temos reparado num espectáculo deprimente que a todos envergonha e se verifica ao longo da marginal, desde a rua 23 à zona pesqueira, que não sendo novidade, maior indignação causa pelo facto de se verificar que não foram e não são tomadas quaisquer medidas impeditivas ao péssimo hábito adquirido por alguns moradores e gentes da beira-mar, ostensivas de um comodismo e um não-te-rales impressionantes, vão despejar toda a espécie de detritos à praia, furtando-se aos deveres de povo civilizado que deve colocar em recipientes à porta de cada domicílio para ser transportado posteriormente pela viatura municipal encarregada da tarefa dessa zona.

Com efeito, é bastante mais prático atravessar a rua e despejar na praia, pelo que se vê. Se este acto vai prejudicar terceiros, isso é de somenos importância, pois pode até ferir alguém que pise objectos contundentes, a quem esses espíritos pouco esclarecidos menosprezam e para quem o seu semelhante nada conta.

Até caleiras e outros objectos

provenientes de obras de reformas de casas, lá vão parar. Santo Deus!

A quem compete a fiscalização da área marítima? Que autoridades se têm interessado na repressão dos prevaricadores?

Creemos que um inquérito aos responsáveis era facilimo de se efectuar. De resto aqui fica este apontamento, não apenas para alertar quem de direito, como para mandar proceder a uma radical limpeza que a negligência de alguém... Quem?!... origina.

★

Praticamente iniciou-se nova época balnear. As viaturas dos turistas movimentam-se já em número elevado, mas algumas das nossas artérias apresentam-se num estado confrangedor de desnivelamentos e buracos motivados pela aluição de terrenos. É impossível indicá-las todas aqui, mas citemos por exemplo a rua 2. O resto é somente questão de inquirir e verificar pelos serviços municipais.

Também a estrada da Carreira de Tiro, por ser hoje uma das mais utilizadas, apresenta-se,

nesta época do ano, pouco ou nada recomendável, cheia de buracos, tornando-se praticamente intransitável!

Para quando umas pazadas de saibro naquelas roturas que tanto prejudicam as viaturas e afastam os turistas?

Também junto ao pontão da Praia da Seca, se notam deficiências no piso que urge reparar, assim como no parque de estacionamento da banda de lá do rio, onde as viaturas se enterram, pois o parque não dispõe de qualquer beneficiação do piso.

Impõe-se a colocação de mecos indicadores de entrada junto do «Cabana», para que não se veja, como no ano transacto, semi-obstruída, a entrada ou a saída para o «parque».

★

A simpática capelinha de S. Pedro está a passar por importantes melhoramentos, pelo menos no capítulo exterior, graças à laboriosa gente vareira, uma vez que se aproxima o dia dos importantes festejos.

Que pena que a Câmara Municipal, não urbanize aquele extenso largo, com um jardim e iluminação adequada, murada com uma sebe, eliminando as oficinas ao ar livre e o jogo de futebol.

PODE SER ÚTIL

espectáculos

S. PEDRO

Hoje, Sexta-feira, dia 18 — **Porque se mata um magistrado**, com Franco Nero e Françoise Fabian — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Amanhã, Sábado, dia 19 — **Lenny**, com Dustin Hoffman e Valerie Perrine — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Domingo, dia 20 — **Breve encontro**, com Sophia Loren e Richard Burton — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Terça-feira, dia 22 — **Valéria e o conho**, com Jaroslava Schallerova e Petr Kopriva — Interdito a menores de 18 anos.

Quinta-feira, dia 24 — **A raposa de Belstone**, com Erie Porter e Rachael Roberts.

CASINO

Hoje, Sexta-feira, dia 18 — **Obrigado Avó!**, com Edwige Fenech e Enrico Simonetti — Para maiores de 18 anos.

Amanhã, Sábado, dia 19 — **Obrigado Avó!**

Domingo, dia 20 — **Obrigado Avó!**

Segunda-feira, dia 21 — **A pé até Paris**, com Jaime Uys e Reinet Maasdorp — Para maiores de 18 anos.

Quarta-feira, dia 23 — **Conflitos conjugais**, com Shirley Mae Laine e Kenneth Mars — Para maiores de 13 anos.

Quinta-feira, dia 24 — **Os cinco dias de Milão**, com Adriano Celentano e Marilu Tolo — Para maiores de 18 anos.

farmácias

Sexta-feira — **Farmácia Higiene** — rua 19 n.º 393 — Telef. 920320
 Sábado — **Grande Farmácia** — rua 62 n.º 457 — Telef. 920092
 Domingo — **Farmácia Teixeira** — rua 19 n.º 46 — Telef. 920352
 Segunda-feira — **Farmácia Santos** — rua 19 n.º 263 — Telef. 920331
 Terça-feira — **Farmácia Paiva** — rua 19 n.º 319 — Telef. 920250
 Quarta-feira — **Farmácia Higiene** — rua 19 n.º 393 — Telef. 920320
 Quinta-feira — **Grande Farmácia** — rua 62 n.º 457 — Telef. 920092

marés

DIA	PREIA-MAR	ALT.	BAIXA-MAR	ALT.
19	21.47	2 ^m ,78	14.37	1 ^m ,30
20	22.50	2 ^m ,71	15.37	1 ^m ,40
21	23.52	2 ^m ,70	16.45	1 ^m ,44
22	12.28	2 ^m ,75	17.55	1 ^m ,40
23	13.19	2 ^m ,87	18.55	1 ^m ,29
24	14.04	3 ^m ,02	19.44	1 ^m ,15
25	14.46	3 ^m ,16	20.26	0 ^m ,99
26	15.25	3 ^m ,27	21.05	0 ^m ,85

ASSIM VAI A CIDADE

NASCIMENTOS

ESPINHO

Fernando, filho de António de Oliveira Vendas e Maria de Fátima Alves Moreira Vendas.

Nuno Fernando, filho de Moisés de Lima Gomes Ferreira e Maria Odeite Rodrigues da Costa.

Filomena Fátima, filha de José Saloio Bilro e Maria de Lurdes Bernardes Bilro.

Iola Marlene, filha de Manuel Vieira da Rocha e Celeste Loureiro do Couto Rocha.

CASAMENTOS

ESPINHO

Manuel Soares Dias, com Marília da Fonseca Soares.

Fernando da Rocha Ferreira, com Julieta Maria Guimarães Pardilhó.

Agostinho Mário Teixeira, com Maria José Tavares Magalhães.

Valentim de Amorim Matos Alves, com Clementina da Silva Magalhães Lima.

Jorge Alexandre dos Santos Araújo, com Conceição Dias Esteves.

GUETIM

Domingos Marques Duarte, com Zulmira Marques da Silva.

PARAMOS

Silvino da Silva Costa, com Balsa-mina Pereira Relvas.

FALECIMENTOS

ESPINHO

José Ferreira, 73 anos, viúvo de Olívia Augusta da Silva Ferreira.

Ana Oliveira, 73 anos, viúva de Virgolino de Oliveira.

José Ferrão Tavares, 76 anos, casado com Lídia Ferreira de Macedo Mota.

Às famílias enlutadas «DE» apresenta condolências.

COLABORE NO ORDENAMENTO DO TRÂNSITO. ESTACIONE NO LUGAR CERTO.

MOVIMENTO DO HOSPITAL DE ESPINHO DE 7-6-76 A 14-6-76

Internamentos Gerais . . . 44
 Exames Radiográficos . . . 136
 Crianças Nascidas . . . 27

INTERVENÇÕES CIRÚRGICAS

Urologia 4
 Otorrino 14
 Cirurgia Geral 6
 Obstetria 2
 Ortopedia 2

SERVIÇO DE URGÊNCIA

Homens 314
 Mulheres 281

INTERNADOS ENTRE OUTROS

Elisa Pereira Matos
 Ana Maria Afonso Pires

PATRONATO DE ESPINHO

Informação:

O horário deste estabelecimento passa a ser o seguinte:

Das 7,45 às 18,30 h

ou

Das 7,45 às 19,30

Dão-se informações mais pormenorizadas no próprio estabelecimento.

A DIRECÇÃO

ESTRADA ESPINHO-PICOTO

Pela J. A. E. foi comunicado à C. M. de Espinho que vai ser mandado estudar, no mais curto espaço de tempo, o projecto da variante Espinho-Picoto, aproveitando o melhor possível os elementos do projecto enviado em 29-6-66.

MESAS ELEITORAIS

No dia 11 do corrente reuniram nos Paços do Concelho os representantes concelhios dos candidatos à Presidência da República, General Ramalho Eanes, Major Otelo Saraiva de Carvalho e Octávio Pato, que indicaram os componentes das 35 Assembleias de Voto do concelho de Espinho, nas próximas eleições para a Presidência da República.

REPAROS

Apelamos para os serviços responsáveis para o estado em que se encontra o passeio da esplanada entre as Ruas 23 e 27 e para a necessidade em compôr o piso da Rua 33 perto do Colégio de N.ª S.ª da Conceição. de em compôr o piso da Rua 33 perto

SÓCIOS — ADMITEM-SE

PARA GRANDE EMPREENDIMENTO COMERCIAL EM ESPINHO. INVESTIMENTO GARANTIDO.

Resposta a esta Redacção ao N.º 103

TELEFONES MAIS NECESSÁRIOS

Emergência 115
 Bombeiros V. Espinho . . . 920005
 Bombeiros V. Espinhenses . . 920042
 Hospital de Espinho 920327
 Centro de Enfermagem de Espinho 922392
 Praça de Táxis 920010
 Posto Médico da Previdência . 920664
 Centro de Saúde de Espinho . 921167
 Câmara Municipal de Espinho 920020
 Serviços Municipalizados . . . 920040
 P. S. P. 920038
 G. N. R. 920035
 Correios 920335
 Abade de Espinho 920621
 Auto-Viação Espinho 920323
 Estação C.F. 920087

IMPOSTOS — TAXAS — LICENÇAS JUNHO

Até ao dia 15: Entrega das declarações do Imposto Complementar.
 Até ao dia 20: Liquidação das percentagens para o Fundo de Socorro Social. Liquidação das contribuições para a Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria do Distrito do Porto.
 Até ao dia 30: Entrega do Imposto de Transacções respeitante ao mês de Abril. Renovar o Boletim de Sanidade do Pessoal de Hotéis, Pensões, Restaurantes, Casas de Pasto, Tabernas, Adegas, Cafés, Mercarias (durante os meses de Junho, Julho e Agosto).
 Fixação do lucro tributável da Contribuição Industrial.
 Pagamento em dobro da Taxa Militar, quando não paga em Abril ou Maio.

CUPÃO DE ASSINATURAS

Nome

Morada

Localidade Telefone

(recortar e devolver preenchido, acompanhado de cheque ou vale de correio)

Desejo uma assinatura de «DE» a partir do n.º pelo período de 12 meses (anual).

Data / / Assinatura

FEIRA POPULAR

17 DE JULHO A 15 DE AGOSTO

ACEITAM-SE PROPOSTAS PARA INSTALAÇÃO DE PAVILHÕES

AGRADECEM-SE SUGESTÕES E COLABORAÇÃO

★

Comissão de Festas de Espinho

Posto de Turismo — Rua 23

ENCONTRO

N.º 2

Junho de 1976

Suplemento de Divulgação Cultural
da «Defesa de Espinho»

Direcção de: F. AZEVEDO BRANDÃO

OS LIVROS E OS HOMENS NOTAS DE LEITURA

«AMORES DE CADELA «PURA» DE MARGARIDA VICTORIA

Livro de «confissões» e para mais de uma mulher — autora e protagonista — teria necessariamente de despertar a curiosidade do leitor em geral e do crítico em particular. Do leitor, que tão solicitado tem andado pela matéria erótica; do crítico, pelo ensejo que se lhe oferece de poder apreciar um género raro na nossa literatura.

De facto, depoimentos confessionais e ainda por cima de uma pena feminina são raros. Lembremo-nos, por exemplo, das páginas apaixonadas e ardentes de Florbela Espanca e pouco mais.

«Amores de Cadela «Pura», porém, ultrapassa tudo aquilo que dentro deste género se tem publicado em Portugal e mesmo no estrangeiro.

Confissões arrojadas de uma mulher, que não escolhendo a palavra nem o acto, põe a nu, corajosamente, toda a sua vida de frustrada sexual.

Um caso social? Não nos parece que tenhamos de admitir tal classificação; não nos parece que a sociedade tenha influenciado o indivíduo — a protagonista — embora ela pertença à aristocracia açoreana, estrato social que impõe sempre as suas regras e tabus rígidos ao reduzido número dos seus membros.

Mais do que um caso social, o que vemos aqui, através destas páginas dramáticas, é matéria dos manuais de psiquiatria e não da sociologia. Trata-se, aqui, sem dúvida, de um caso individual, de uma natureza estranha, de trama sexual, derivada, talvez, da má orientação dos segredos do sexo, por parte de sua mãe e mais tarde da inabilidade do primeiro marido na prática da iniciação sexual.

Parece-nos, por outro lado, que as anomalias sexuais da protagonista, as podemos ir procurar na sua infância, naqueles momentos em que nas propriedades dos seus progenitores, ela assistia, estupefacta e perturbada, ao acupulamento dos machos e das fêmeas.

Espevitada assim a sua própria natureza sensual que se mostrou já na adolescência e depois na mulher, de uma extrema violência, caracterizada por uma insatisfação não apenas física mas sobretudo moral, levou-a a querer da vida mais do que aquilo que lhe pôde dar.

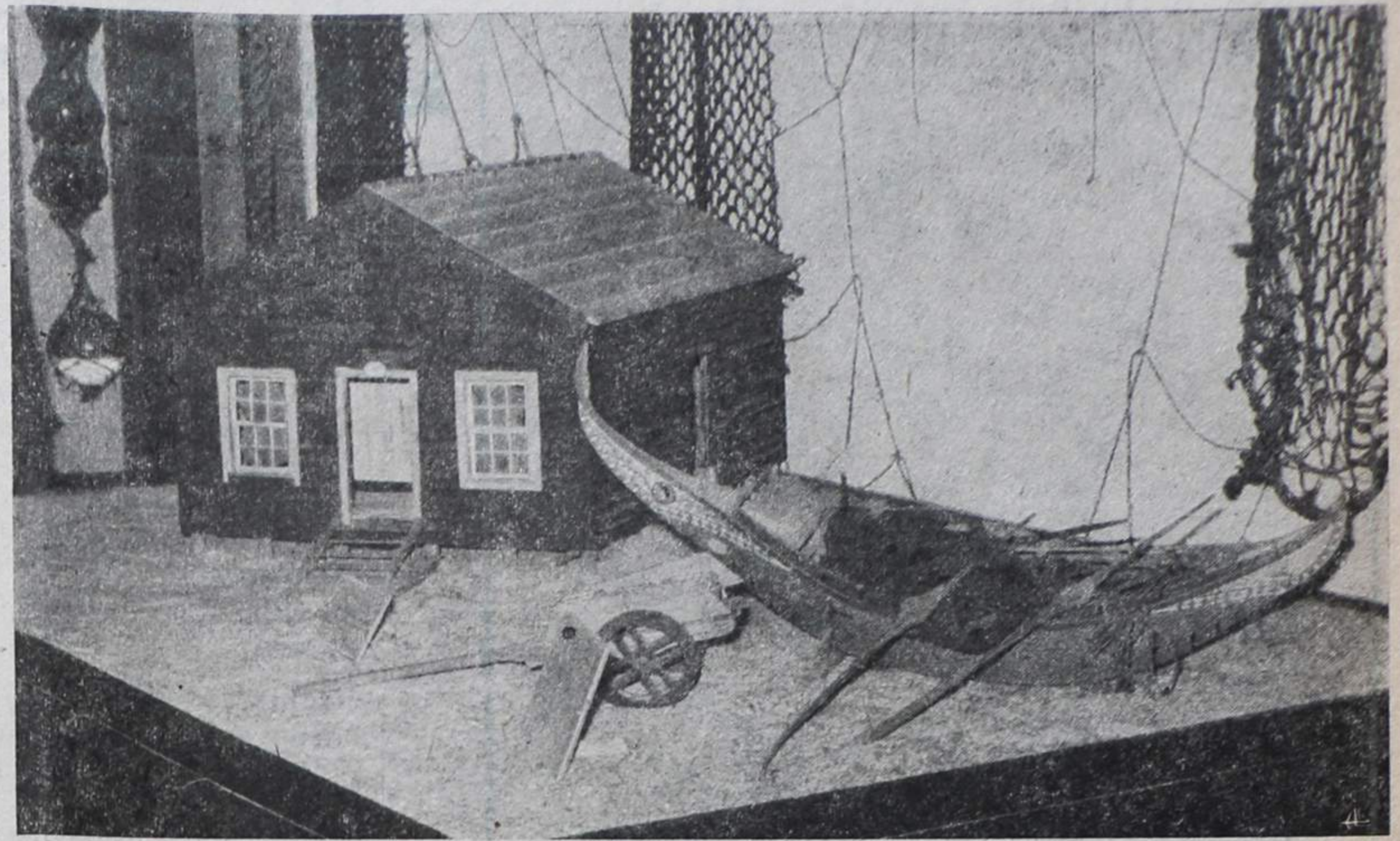
Temperamento sensual e arrebatado, a reminiscência daqueles primeiros acupulamentos, plenos daquele vigor em que a natureza é pródiga em inculcar nos animais, leva a protagonista a impedir, mais tarde, nas suas relações amorosas, de alcançar a plenitude de um acto que ela julgava sublimado.

Sensualidade e exibicionismo dessa mesma sensualidade é o que podemos ver neste depoimento. São as duas constantes desta escrita corajosa, franca e sincera, impregnada de cores realistas em que o erotismo e o insólito se entrelaçam para nos darem um autêntico documento humano.

Mais do que um texto de estética literária, temos aqui, uma fonte de investigação do comportamento humano perante o fenómeno erótico-sexual.

Com este livro, pode muito bem, Margarida Victória através da sua própria experiência, ter aberto um marco inicial de um novo género dentro das nossas letras.

(Livraria Bertrand, Lisboa, 1976)



Reconstituição de uma Xávega

«PARA UMA LITERATURA DE COMBATE» DE JOSÉ MANUEL MENDES

José Manuel Mendes reuniu neste livro o seu labor de crítico, através de alguns textos de análise literária que escreveu, sobretudo, na revista «Vértice», de 1969 a 1974.

Textos de crítica literária, sobre obras de autores portugueses e estrangeiros, espelham também o sentir e o pensar do próprio crítico.

José Manuel Mendes, na apresentação do seu livro diz-nos, com efeito, que o crítico não é imparcial; que o crítico tem as suas opções e a sua teoria.

E é na verdade, sob o ponto de vista pessoal e segunda a sua opção ideológica, de base marxista que o crítico M. Mendes se debruça sobre obras fundamentais da nossa literatura contemporânea.

Embora tal ideologia esteja subjacente no acto da crítica não podemos deixar de salientar que se torna benéfica, uma vez que leva o leitor a encarar as obras estudadas sob outros ângulos e outras perspectivas.

Crítica de combate, é por isso mesmo comprometida, comprometida no desejo de «lutar através da escrita, por uma sociedade socialista e consequentemente pela emancipação dos trabalhadores».

A sua posição perante as obras analisadas é aquela que defende a simbiose entre a cultura e política, na medida em que esta dualidade possa permitir a transformação das estruturas de modo a criar uma sociedade mais justa e equilibrada.

Perante a advertência do crítico e da honestidade da sua posição é um livro a ler até porque Urbano Tavares Rodrigues, Alves Redol, Fernando Namora, Ferreira de Castro, Augusto Abelaira, Vítor de Sá, Rui Namorado e João Palma-Ferreira, ficam mais ricos com as várias e possíveis leituras e interpretações das suas obras.

Livraria Bertrand, Col. Crítica Hoje n.º 1,
Lisboa, 1975

F. AZEVEDO BRANDÃO

UMA VISITA AO MUSEU MARÍTIMO E REGIONAL DE ILHAVO

Interessados, como sempre, pela actividade etnográfica e museológica da nossa região, não podíamos deixar de visitar um Museu aqui quase à beira de portas, que, amigo de longa data, nestas andanças, nos tinha aconselhado.

Dissera-nos este amigo: «Está ali um monumento de amor às coisas da sua terra e das suas gentes, pelo seu fundador».

Fizemos, pois, a visita que se impunha, até porque, de há muito, pugnávamos pela criação de um Museu de Etnografia Marítima, em Espinho, e por isso queríamos ver de perto uma obra que

espelhasse o nosso desejo e esclarecesse o nosso espírito.

Na realidade, tudo quanto tivémos ocasião de apreciar, excedeu aquilo que imaginávamos. Com efeito, estávamos perante uma obra modelar, baseada em profundos conhecimentos da etnografia da região, aliados a uma sensibilidade de escol. Estava ali a mão de um homem que durante toda a sua vida votou o maior amor e o melhor da sua inteligência e saber à bela região de Aveiro — o Dr. António Gomes da Rocha Medahil, que teve em alguns ilustres filhos de Ílhavo, valiosos colaboradores.

Museu essencialmente marítimo, como não podia deixar de ser, uma vez que a vila de Ílhavo se enquadra na policromática paisagem recortada entre o Mar e a Ria, é pois, neste vasto campo que o seu recheio é rico, valioso e completo.

Não faltam ali todo o género de barcos do Mar e da Ria, aprestos de pesca, material empregado na actividade salineira, colecções da fauna e flora marítimas e até reconstituições de xávegas (*) com o palheiro, o barco e o carro de bois de rodas de madeira.

É todo um manancial de documentação que o estudioso tem ali ao seu alcance para se debruçar na investigação etnográfica, histórica, linguística, etc.

Não nos é possível, como desejaríamos, nesta pequena nota, registar todo o material museológico ali recolhido e seleccionado. Apontaremos apenas o que nos pareceu essencial.

Na rica colecção de barcos de mar estão ali modelos de canoa, do dongo africano, do palhaborde, do chaveco, da caravela e da nau.

Dos barcos da Ria, a variedade é notável: vimos ali a bateira, o barco soleiro, a ilhava, a caçadeira e a bateira labrega.

A actividade da pesca do bacalhau também não está esquecida. Há ali uma reconstituição de um armazém de bacalhau, com os respectivos utensílios e uma xávega com barco, que lembra os dos «Vikings».

Os utensílios pertencentes à salicultura são numerosos e variados: a almanjarra (*), a tranqueira, a moeira, o círculo (*), o rapão (*), o ugalho (*), o pé pois e o pajão (*).

Agulhas de marear são às dezenas. Um poleame (*) com 42 peças sobressai no meio das várias colecções de material marítimo.

De salientar ainda uma bela colecção de conchas exóticas de formas bizarras, de variadas cores.

Além da secção marítima existem ainda outras secções dignas de interesse. Existe ali uma rica colecção de porcelanas de meio-cristais da Vista-Alegre, trabalhos de tecelagem e trajes regionais.

A pintura e a escultura estão representadas através de obras de Alberto de Sousa, Alfredo Morais, o rei D. Carlos, Fausto Sampaio e Abel Salazar.

Muito mais havia para dizer. O espaço, porém, não nos perdoa. Apenas queríamos aqui transcrever um duto depoimento do Dr. Manuel

(Continua na pág. seguinte)



O «Homem do Leme» — escultura de Américo Gomes

de Paiva Boléo, professor catedrático da Faculdade de Letras de Coimbra, o responsável pela cadeira de Linguística Portuguesa, depoimento esse que atesta a importância de um Museu, como este, para a investigação etnográfica, histórica e até, como é o caso, para a investigação linguística. Ouçamo-lo, pois: «...Visitei em Dezembro de 1968 o Museu Marítimo e Regional de Ílhavo que apresentava para mim bastante interesse, pois me facilita a orientação de teses de licenciatura sobre a linguagem piscatória (nomes de embarcações, de nós, terminologia das salinas, etc.). Por ocasião dessa visita fiquei surpreendido com o grande número de apelidos de família relacionados com o mar que existem nessa povoação... despertou em mim o desejo de explorar um assunto ainda mal conhecido: a influência das coisas marítimas nos nomes de famílias portuguesas... pareceu-me que Ílhavo, a este respeito, ocupa um lugar, senão único, pelo menos muito mais expressivo».⁽⁵⁾

Depois destas palavras escritas por um cientista, um sentimento nos fica a pairar no espírito. Que o exemplo do Museu de Ílhavo frutifique nesta terra que possui vastas potencialidades para a existência de um Museu de Etnografia Marítima.

RUI GOMES

(1) Xàvega — rede para a pesca de peixe miúdo; barco em que se transporta essa rede.

(2) Almanjarra (ou almajarra) — grande rodo (pau) com que se retira a lama da salina.

(3) Círcis — cilindro de madeira com que os marnotos (aqueles que trabalham nas marinhas de sal) tratam o solo das marinhas.

(4) Rapão — utensílio que o marnoto usa para rapar

(5) Ugalho — espécie de ancinho das salinas.

(6) Pajão — utensílio do marnoto para comprimir e alisar a superfície dos montes de sal.

(7) Poleame — conjunto de peças de madeira ou de ferro destinadas à passagem dos cabos.

(8) «Trabalhos de Investigação Linguística» — Volume XV da Revista Portuguesa de Filologia.

ENCONTRO

(Continuação da pág. anterior)

pela Guerra da Independência Norte-Americana, pela Revolução Francesa, até à Guerra Franco-Prussiana, à Guerra Civil Russa, de 1917 e à Guerra Civil Chinesa, nos é aqui transmitido em toda a sua dimensão política.

Deste estudo de John Ellis se pode verificar como a política militar pode afectar o desenvolvimento de uma revolução e ainda como «as raízes sociais» de uma revolução pode afectar a organização militar e os seus respectivos métodos de guerra. Livro ao mesmo tempo histórico e político que se deve ler e meditar.

MARTINS GARCIA, José. «Cultura, Política, Informação». 235 págs. Edit. Perspectivas & Realidades. Lisboa, 1976

Colectânea de textos ensaísticos que o autor seleccionou da sua colaboração dispersa por alguns jornais diários, vem recordar ao leitor a sua intervenção cáustica, directa e oportuna nos acontecimentos políticos de Portugal, na época gonalvista.

Denunciando arbitrariedades, «solavancos» e desvios de uma sociedade à procura de rumo certo, sempre incómodo e realista, o autor, através das suas análises aos aspectos culturais, políticos e informativos, quis ser actuante «para que não possa afirmar-se, no dia em que Portugal for um curral de miséria, que toda a «intelectualidade» pactuou, à semelhança da Nobreza de 1580, com os vendilhões a retalho dum património depauperado».

Eis alguns títulos que merecem a nossa leitura atenta e lúcida: «Os policiais da cultura», «O assalto à cultura», «Coisas de carneiros», «Ignorância para todos?», «A euforia suicida» e «Virtudes do Catecismo».

MOREIRA ALVES, Marcio. «Os Soldados Socialistas de Portugal». 317 págs. Coleção Século XX-XXI. Ed. Iniciativas Editoriais. Lisboa, 1976

Tentativa de análise da Revolução Portuguesa de 25 de Abril de 1974, análise dos «dias que valem por anos», como acentua o autor na introdução, é o processo dos avanços e retrocessos da luta do povo português pela democracia e pelo socialismo.

Originariamente escrito em francês para a Gallimard num louvável esforço para esclarecer o público daquele país sobre o nosso processo revolucionário português, este livro, ultrapassando esse objectivo, dá-nos, de facto, o registo histórico dos primeiros dois anos em Portugal após o 25 de Abril.

Para tal desiderato o autor baseou-se em estudos parciais já publicados, em documentos e dados estatísticos de reconhecida idoneidade.

HARNECKER, Marta. «Cuba: Democracia ou Ditadura». 307 págs. Trad. de A. Silva. Coleção Século XX-XXI. Ed. Iniciativas Editoriais. Lisboa, 1976

Este livro é constituído quase todo ele, pela transcrição de gravações de assembleias plenárias e entrevistas em fábricas, tribunais populares, Comitês de Defesa da Revolução, órgãos de Poder Popular da província de Matanzas, em Cuba.

Estas entrevistas e reportagens efectuada pelos jornalistas Camilo Garcia, Alicia Donoso, Bartolomé Hernandez e Manuela Rodriguez, dirigidas por Marta Harnecker, mostram como o povo cubano vive a sua revolução.

Através destes depoimentos vê-se um povo que discute as leis e os planos económicos, defendendo as conquistas que a Revolução lhes trouxe.

Enfeudado que esteve ao poder económico dos Estados Unidos, o povo cubano está a viver na plena euforia de um país que é seu. Livro que faz a apologia do poder popular e da ditadura do proletariado, é leitura obrigatória para a compreensão do mundo contemporâneo.

DE ESPINHO VIVA!

Maravilhoso, belo mar de Espinho,
primeiro mar que vi, criança ainda,
guardei-o n'alma, com saudade infinda,
guardei-o n'alma cheia de carinho!

Praia feliz de rico mar, que é feito
de luz de sois e rendas de cambraia,
a linda Espinho é a cidade-praia
que nos fascina, com estranho jeito...

Que é da graciosa, lépida vareira
com a sua canastra e seu pregão,
figurinha gentil de medalhão,
filha do mar e sua mensageira?...

Que é dela, airosa, desenvolta, activa,
correndo as ruas, às aldeias indo?...
Como era alegre o seu pregão tão lindo:
«Viva do nosso mar! De Espinho viva!...»

MARIA AUGUSTA NOGUEIRA

BREVES NOTAS DE SEMÂNTICA POLITICA

«Liberdade» e «liberdades»

Do número 3 da revista mensal de cultura *Critério*, respigamos do artigo «Breves Notas de Semântica Política», de José Palla e Carmo, a seguinte passagem sobre o conceito semântico de «Liberdade» e «liberdades», que nos parece muito elucidativo e oportuno para uma reflexão lúcida e necessária do fenómeno político português do nosso tempo.

«À primeira vista, afigura-se menos vasta a esfera de significados do vocábulo «Liberdade» do que a da mesma palavra no plural — «liberdades». O plural significa abundância: quem tem várias «liberdades», deveria, consequentemente, ser mais livre do que quem tem apenas «Liberdade». E, no entanto, não é assim.

O aparente paradoxo resulta de se contraporem as «liberdades» — num sentido concreto — à «Liberdade» num sentido abstracto. Tal comparação padece, obviamente, do vício inerente ao confronto de dois conceitos de natureza diferente. Simplesmente, o uso da palavra «liberdades» num sentido concreto, mas sem o concretizar, torna-a ainda mais abstracta do que «Liberdade» no singular; e, reciprocamente, a invocação desta em conexão com um programa político torna-a tão concreta ou concretizável como as propostas que o integram.

Mais ainda: sendo o estado ou qualidade contida no conceito de «Liberdade» constituído pelo conjunto de liberdades concretas — logo que uma destas é sacrificada, fica aquele conceito amputado ou prejudicado. Ao passo que, ao falar em «liberdades» mas sem dizer quais ou quantas estas são, poder-se-á continuar a fazê-lo ainda que alguma delas seja eliminada.

Por isso mesmo que «Liberdade», no singular, é a totalidade das liberdades (é uma generalização colhida de todas as liberdades), não há que qualificá-la ou determinar a sua extensão: está nela implícita, é a sua essência; a «Liberdade» ou é — ou não é. Inversamente, por não se explicitarem as «liberdades», é que de algumas dessas componentes de «Liberdade» — há que qualificá-las (como «amplas», «democráticas», etc.). O que seria redundante se não fosse reveladoramente contraditório (por admitir que a «amplitude» ou a «democraticidade» não está forçosamente contida nessas «liberdades»).

O curioso é que, numa época em que a monotonia e a falta de imaginação verbais são notórias, o uso da expressão «liberdades» se expandiu e é hoje adoptado até por pessoas que (para sua honra e de todos nós) defendem a Liberdade. Estas podem fazê-lo: a «Liberdade» implica as «liberdades». O contrário é que não é verdadeiro.

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

ELLIS, John. «Os Exércitos na Revolução». 2 vols. Trad. de Sophie Penherthy. Coleção século XX-XXI. Ed. Iniciativas Editoriais. Lisboa, 1976

Aqui está um livro que nos traça o itinerário da guerra revolucionária de Cromwel a Mao-Tse-Tung. Todo o ambiente revolucionário, fora e dentro das estruturas político-militares, que vai da Guerra Civil Inglesa, no século XVII, passando

SILVALDE

ASSIM VAI A VIDA...

Entrou antes do tempo o Verão, com o calorzinho convidativo para a abertura das praias. E nós, gente da beira-mar por nascimento, bem arreigados ao mar de que não podemos separar-nos por muito tempo, até nem seremos os que mais gozam dos seus benefícios.

Pelo menos os adultos, já que a criança essa não dispensa os prazeres bem legítimos e necessários dumás horas plenas de vida ao ar livre com sucessivos mergulhos nas águas buliçosas...

Na realidade, isto que poderá parecer romantismo barato de estudante em férias, é um facto que deve ser tido em conta com todas as suas exigências e consequências.

Silvalde é uma terra com uma boa faixa de mar e praia, mas por força da velha e exagerada dependência de Espinho, em tudo e também nas praias, toda a gente quando se faia em ir à praia pensa logo no lado de lá... tendo embora ao pé da porta coisa muito melhor. Mas é vício, é melhor, como para comprar um alfinete ou tomar um café tam-se larga tudo para ir a Espinho. A verdade é que agora isso não é sair de casa, pois isto é quase tudo Espinho (também não percebemos — dissemo-lo na altura própria, note-se — porque artes se conseguiu de fora dos limites da cidade apenas uma mínima parte de Silvalde, a sul, mas adiante... que se cá houvesse algum clube revolucionário já teria decidido em plenário e tudo que ou comiam todos ou... bolas para o sapateiro de Braga!); no entanto, outros factores haveria a ditar suas leis.

Estamos a pensar na grande extensão que há 30 e quê anos veio

ocupar o Bairro Piscatório, seguido do camarária, mais os campos de golf; mais a malfadada carreira de tiro; além de não ter havido, que nos conste, uma tradição de palheiros e outras moradias, como nas terras vizinhas voltadas para o mar.

Mas é muito natural que este estado de coisas se modifique num futuro próximo.

As praias tradicionais de Espinho estão praticamente comidas pelas águas; e é tal a falta de habitações que a cidade tem de esticar para onde tem espaço, mau-grado os impelidos do planos de urbanização e das zonas interditas.

A nova estrada de ligação de Espinho às praias de Silvalde começou estes dias a deixar de ser um sonho para se tornar realidade. E com estrada à feição vai aumentar muito a frequência, o que trará consigo as infra-estruturas normais ao movimento de massas.

O demasiadamente censurado e pouco ajudado povo vareiro vai ter de desempenhar um papel importante nesta modificação global, já que as circunstâncias conduzirão a novo procedimento: em limpeza das areias, em respeito pelo trânsito nas ruas, em novos postos de trabalho, em vícios novos também, que já não são poucos...

Fomos ver como estava a nossa praia do pau-da-manobra; o mar não pára de subir, mas mesmo assim ainda estamos com muita praia, e magnífica.

Mas que as nossas autoridades, e todos nós, não descansemos enquanto estas praias não forem dotadas dos requisitos mais urgentes.

M.

DESPORTO

NOTA: Este material noticioso estava preparado para sair na passada semana, mas aconteceu que o original se extraviou na tipografia, o que lamentamos, quer pela perda relativa de actualidade, quer pela consideração que nos merecem os autores de trabalhos e notícias.

(D. E.)

FECHO DO TORNEIO FOI ATRACTIVO

Sábado, 5/6, teve lugar no recinto desportivo de Silvalde um festival desportivo, promovido pela Organização do Torneio.

Jogaram primeiro 2 equipas do escalão 11-14 anos, representando os «Besourinhos» e «Esperancinhas»; ganharam os segundos por 2-0, tendo os vencidos, no final, dado aos grandes uma prova de desportivismo saudando os vencedores; o público compreendeu e ovacionou.

No 2.º jogo, defrontaram-se os vencedores do torneio — Esperanças B, e uma Selecção de todas as equipas concorrentes.

Sob a arbitragem de dois elementos do Clube Académico de Espinho, as equipas alinharam:

Esperanças B: Fernando, M. Silva, Delmar, Arlindo, Alberto, J. Martinho, J. Magano e Pedro.

Seleção: Domingos, Armínio, Guimarães, Maia, Álvaro M., Seninho, Marinho, M. António, Álvaro Sá e António M.

Venceu a selecção por 1-0, com merecimento.

Por fim, foram entregues os troféus e medalhas: taças para as 4 primeiras equipas, para o melhor guarda-redes e para o melhor marcador e ainda a taça Disciplina, com o patrocínio do Conselho Desportivo, Centro Paroquial, Casa Magriço, Gruta da Lomba, Auto Martinho e Café Trovador; e medalhas para todas as equipas e árbitros de fora.

Assim correu o pano sobre uma Organização, válida em todos os aspectos, que honrou a meia dúzia de elementos que trabalharam com afinco, pois as críticas vazias de uns poucos não merecem atenção.

J. M. MAIA

TORNEIO DE MINI-FUTEBOL

O Movimento Nacional de Futebol Juvenil promove ainda este mês um torneio em dois escalões; esteve cá o Prof. Nery, delegado de zona da D.G.D., a expôr o programa, a que o Conselho Desportivo de Silvalde logo começou a dar andamento, numa prova inofensiva de que aqui se quer fazer algo pelo desporto e se quer colaborar com as iniciativas vindas de cima.

PING-PONG

Acaba o Centro Paroquial de adquirir um novo e completo equipamento de ténis de mesa, satisfazendo assim uma sugestão antiga da malta.

OFERTA AMIGA

Da Venezuela veio mais um gesto que muito nos sensibilizou: o Sr. J. A. Pereira Ramos ofereceu mais quatro contos para o recinto desportivo. Bem haja!

VOLEIBOL

Como prevíamos, são auspiciosas as primeiras impressões: algumas dezenas de crianças estão a aprender este desporto.

São monitores, em serviço cívico, Luís Pereira e Pinto Leite, que estão entusiasmados em fazer obra válida no pouco tempo de que dispõem.

Para mais, foi Silvalde a única freguesia do concelho onde se pôde lançar esta actividade. Mas se aqui se quer andar para a frente, são necessários os devidos apoios das entidades competentes, como noutra lugar frisaremos.

À DIRECÇÃO GERAL DOS DESPORTOS... E A MAIS ALGUÉM...

Já nos custa martelar no mesmo, mas tem de ser, até que nos seja feita justiça. Só justiça, e nada mais.

Silvalde tem um bom recinto desportivo, que não foi subsidiado por verbas oficiais, embora a princípio fossem prometidos 15 contos, mas foi só promessa, só palavrado bonito, tal qual como dantes...

Silvalde tem um Conselho Desportivo a trabalhar em perfeito entendimento com outras entidades pela promoção sócio-desportiva.

Ao que sabemos, nas outras freguesias pouco ou nada se fez, e de conselhos desportivos nem indícios...

Também sabemos que a T.V. até fez reportagem do desaterro dum campo de futebol cá no concelho, e por aí fora, se calhar a rogo de «forças progressistas» que depressa perderam a «força» quando viram que só se fazem coisas com muito trabalho e não com paleio.

Aqui, não tivemos, nem pedimos, T.V., nem rótulos, porque damos mais valor às obras do que à publicidade.

Tivemos de arranjar mais de 200 contos para o rink, tivemos de adaptar a balneários 4 anexos do Centro Paroquial (com os consequentes estragos na Casa por utentes irresponsáveis e gastos de energia e luz); tivemos de comprar bolas e outro material que é caro e dura pouco; estão imensos jovens, crianças e adultos, a ser beneficiados física e desportivamente, com alguns carolas a sacrificar-se a sério; prevê-se um futuro esperançoso.

Que mais será preciso para merecer os favores da D.G.D., em fazer cá chegar alguma das verbas que vai distribuindo (parece que largamente) a outras colectividades bem menos activas?

Será por não fazermos «desporto político»? Mas será de «desporto político» que o Povo e o País precisam?

Como não pensamos assim, continuamos a apelar e... a esperar.

M.

NOTA: Informam-nos, com segurança, que há na Câmara 40 contos para serem distribuídos pelos Conselhos desportivos do Concelho que estiverem a fomentar o desporto, vindos precisamente da D.G.D. Só compareceram à Reunião representantes do C. D. de Silvalde e do Conselho Municipal, o que é escla-recedor.

Será que alguém ainda terá dúvidas sobre a atribuição do subsídio? Ou será que à última hora alguém irá inventar um desportosito qualquer só para ter «direito» à verba?

VÉRTICE

(Continuação da 1.ª pág.)

vamos. O «JOK» era a denominação do espectáculo proporcionado pela Companhia Académica Estatal de Dança da República Socialista Soviética da Moldávia, uma região russa anunciada como terra dos bosques, prados verdes, vinhedos, grandes pomares, com aspecto muito idêntico a certas regiões portuguesas. E, de resto, também se disse que, lá, na Moldávia, se fala dialecto com umas palavras percebíveis para nós portugueses. «JOK», é, segundo explicaram, um substantivo colectivo, para designar todas as danças do povo.

Para ver o espectáculo paguei por uma 2.ª plateia a módica quantia de 120 Escudos. Valeu a pena, afirmo desde já. Isso, não está em causa. Contudo, surge-me como incoerente que um espectáculo vindo de um país socialista, para outro país a caminhar para o socialismo, seja oferecido, ao povo, àquele preço. Preço que, aliás, nada difere de outros que paguei por espectáculos, do mesmo género, e das mesmas procedências, que tive, anteriormente, ocasião e a felicidade de ver na Cidade Invicta.

Além de quê, confesso, é perfeitável dar aquele dinheiro todo por tal espectáculo, pois vale de longe dúzia de filmes desses puramente comerciais, e não só, a explorar o zé-pagode, ao fim de ver os quais se pagou o dobro e não se extraíu nada. No entanto, um espectáculo popular a tal preço, um espectáculo artístico-cultural, àquele preço, só para capitalistas.

O «JOK» é, quanto a encenação, dum simplicidade extrema. Um palco, tendo junto ao pano de fundo, uma plataforma, a orquestra, e o resto para actuação dos bailarinos. Segundo se anunciava, cerca de 100 figurantes, todos trajando roupa multicolorida, linda, que, com excepção dos da orquestra, iam mudando. Enfim, trajes próprios da região de procedência e, ainda, daquelas a que diziam respeito os números de fallore apresentados. Um sonho para a vista, quando, através das danças todo o palco se transformavam num caleidoscópio gigante!

E o espectáculo? Ora, verdadeiramente excepcional! Uma autêntica maravilha! Arte extraordinária, virtuosismo incomparável, beleza ímpar, onde não há falhas, onde, desde o primeiro ao último minuto, tudo é realizado com música linda, lindíssima, e coreografia que vai do mais belo ao mais espectacular, num invulgar torvelinho de ritmo vivo, impressionante, isto durante duas horas. Duas horas, para se assistir a 15 números diversificados, daquele «bouquet» policromado e belo que exala um perfume artístico suave e penetrante!

Um reportório rico e variado, para nos oferecer, não só, toda a expressão do folclore do povo moldaviano, através do qual somos esclarecidos de forma de vida, de trabalho e divertimento, da gente da Moldávia. Além disso, quadros com danças do folclore russo, húngaro e bulgaro, como da Ucrânia e danças ciganas, pois isso constitui uma nomenagem da Moldávia a povos que vivem no seu seio.

Claro, ninguém dúvida que se trata de um conjunto altamente profissionalizado, pois, só assim, pode atingir tamanha expressão artística e, de resto, fundado em 1955, já deu, por todo o mundo, quer em países de leste, quer europeus ocidentais, como americanos e africanos, asiáticos e da Oceânia mais de 6 500 espectáculos!

Pois bem, a maior parte dos 15 números do variado programa tiveram de ser bisados, já que a plateia, espontaneamente, de pé, ainda a exibição não tinha acabado, estrondeava durante largos minutos, em calorosas revoadas de aplausos, de tal forma se sentia arrebatada e agradada com o estupendo espectáculo. E, ali, perante a arte, uma sala infelizmente semi-cheia (talvez por causa dos preços, talvez pelo facto de não ser um filme dos tais), de pessoas certamente de todos os credos políticos, rendia-se, testemunhando que a arte não tem fronteiras e, ante ela, as pessoas curvam-se olvidando, felizmente, tudo o mais e comungam numa útil jornada cultural.

No final, quando ninguém desejava, ainda, que aquele espectáculo de duas horas, desenvolvido com uma disciplina invulgar, sem um hiato, até na mudança de número para número, a sala, toda de pé, envolveu os artistas, toda a companhia, o director da companhia, numa trovoadas de aplausos durante larguíssimos minutos, obrigando a que, do palco, agradessessem da mesma maneira.

Não queremos deixar de focar o facto da extraordinária orquestra ter apresentado dois números populares portugueses que, executados por aquele conjunto e orquestrados segundo a sua concepção, os tornavam magníficos e lindos, a impressionarem a plateia que não pôde deixar de fazer o acompanhamento compassado com palmas.

Em presença do «JOK» e quando tanto há a fazer, neste país, pela cultura, surge-nos como estranho que tal espectáculo apenas tivesse sido exibido em Lisboa e no Porto. Útil seria a sua divulgação por todo o país, e, oxalá, que ao menos a televisão o tenha tele-gravado para, posteriormente, fazer a sua apresentação, embora com o senão de lhe faltar a cor e a dimensão natural. Agora, por exemplo, em relação a Espinho, julgamos que seria possível pensar-se em trazer cá um espectáculo assim, pois não exige qualquer montagem especial.

Para tanto, e dado que se trata de divulgação artística, julgamos que, por exemplo, a «Solverde», sempre aberta a ajudar, daria certamente o apoio material preciso, para tornar isso viável.

Aqui fica a ideia, relativamente ao futuro, pois o «JOK», o melhor dos espectáculos que vimos no género — e, segundo a opinião da crítica, talvez o melhor que veio até nós —, ou qualquer outro, não se deve perder e deveria ser apresentado ao povo, mas não só em Lisboa e no Porto, contudo no maior número possível de locais.

Espinho, aqui a dois passos da cidade Invicta, pode beneficiar da aproximação é basta conjugar as coisas e obter o tal apoio.

Carlos Sária

OBJECTIVO ②

Quem manda no trânsito desta terra? Apetece dizer: ninguém! As ruas de Espinho são, continuam a ser, garagens públicas da camionagem. Por exemplo, há uma empresa que fez garagem, com dois pisos, mas em lugar de guardar lá a sua frota de camionagem, semeia-a pelas ruas da cidade, perturbando, nitidamente, o trânsito. A graça é que, veja-se, alugou parte dessa garagem, para recolha de veículos automóveis. As outras empresas, agora cada qual com a sua rua a servir de central de chegada e partida, também espalham os grandes autocarros, complicando a circulação. Mas, como ninguém manda no trânsito desta terra, até está bem!

COTA DE UMA SOCIEDADE COMERCIAL E INDUSTRIAL

EM ESPINHO

CEDE-SE POR MOTIVO DE RETIRADA

INFORMAÇÃO NESTE JORNAL

UMA CIDADE LIMPA, REFLECTE O ÍNDICE DE CIVISMO DOS CIDADÃOS!

COLABOREMOS TODOS.

à venda**VENDE-SE**

PRÉDIO NA RUA 14 N.º 967
1.º andar devoluto — R/C alugado a comércio
Falar por favor ao Senhor Luís Silva,
na Fábrica Progresso ou telef. 922150

**ANDARES
VENDEM-SE**

PRONTOS A HABITAR
NA ZONA RESIDENCIAL
DE ESPINHO
EM FRENTE AO PARQUE
ANGULO DAS RUAS 20 E 23

Andares, de óptima construção, com 5 e 6 assoalhadas, com todas as comodidades, alcatifados, aquecimento, cozinha tipo italiana, extractores de fumo, renovadores de ar, com 2 elevadores, etc.

Contactar: excepto aos sábados
SALÃO LORD — TELEF. 920234 — ESPINHO

diversos**FOTO DIN**

FAUSTO & LEONEL, LDA.

Reportagens — Estúdio — Fotografia Industrial

Rua 19, n.º 198-2.º — Telef. 922267 — Apartado 124 — ESPINHO

PICHELEIRO

Encarrego-me de todo o serviço de Pícheleiro e Canalizador com a máxima perfeição e rapidez. Serviço ao domicílio.

MÁRIO DA SILVA ESTEVES

Telef. 920415 p. f., ou dirigir-se à antiga casa «Zé de Gaia», na Rua 33

Auto Internacional

Peças e Acessórios para Automóveis

Av. 24 n.º 1001 — Telef. 923028
ESPINHO

ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS

OLIFEX

Ferreira & Oliveira, Lda.

ESPINHO

RUA 16 N.º 975 — APARTADO 144 — TELEFONE, 921569

drogarias**DROFER**

DROGARIA — FERRAGENS — FERRAMENTAS
TINTAS — SANITÁRIOS — CÚTELARIAS — MÉNAGE

OS MELHORES PREÇOS — AS MELHORES QUALIDADES

CENTENO, PEREIRA & C.ª, LDA.

RUA 24, N.º 963 — ESPINHO

fabricantes**MANUEL PEREIRA FONTES**

— FABRICA DE TAPEÇARIAS —

Importação

Exportação

Tapetes e Carpetes manuais — Passadeiras, tapetes, carpetes e alcatifas mecânicas «Wilton» e «Axminster» com desenho «REALCE»

Telex 22255 — Fontes - P

Telefs.: 921316/7/8

SILVALDE — ESPINHO

LUSOTUFO

Tapetes — Carpetes — Alcatifas

Telefone, 72005

CORTEGAÇA

MÁRMORES E GRANITOS

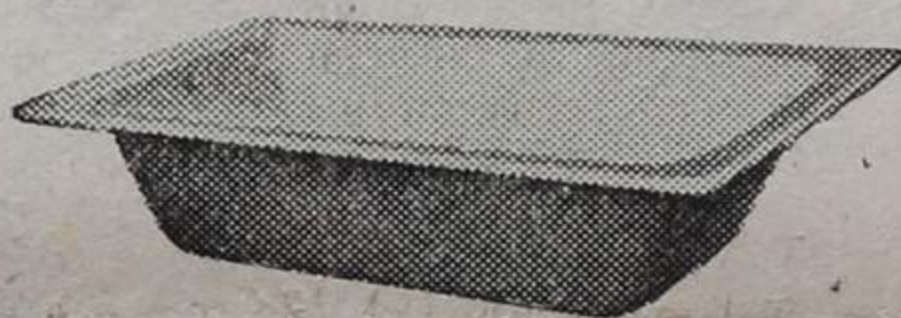
MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

DE

VITORINO LOPES DA CRUZ

Telef. 920565 — Monte Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7, N.º 561

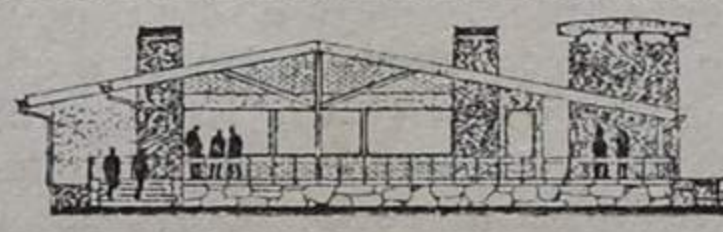
METALÚRGICA RECOR S.A.R.L.

Fabricante de banheiras de ferro fundido e esmaltado.

Mobiliário metálico para quartos de banho, máquinas de furar e tornos de bancada.

TELEF.: 23155/6

ARRIFANA — FEIRA

hotelaria

Restaurante
Snack — Discoteca

CABANA

TELEFS. 921322-921966

CABANA — Sugere aos seus estimados clientes

SNACK-BAR — Pratos do dia económicos

2.ª Feira — Bacalhau à CABANA

4.ª Feira — Chispalhada c/ Feijão Vermelho à Transmontana

5.ª Feira — Frango de Caril à CABANA

6.ª Feira — Peixe à Portuguesa

SABADO — Papas de Sarrabulho, c/ Rojões

DOMINGO — Pratos Especiais

TERÇA-FEIRA — DESCANSO DO PESSOAL

Preços especiais de OUTUBRO a MAIO

— Aos Domingos — Matinés Dançantes —

modas**FONSECA**

MODAS — TECIDOS

RUA 19, N.º 275 — Telefone, 920413 — ESPINHO

móveis**MÓVEIS COSTA VERDE**

ESTOFOS, DECORAÇÕES E ELECTRODOMÉSTICOS
MÓVEIS EM TODOS OS ESTILOS

VISITE-NOS!

E VERÁ TODOS ESTES ARTIGOS PELO MAIS BAIXO PREÇO.

AVENIDA 24 (Junto ao Café Trovador)

ESPINHO

advogados

AMADEU J. MORAIS

ADVOGADO

Escritório: Rua 20, N.º 412
Telef.: 920273

Às segundas, quintas e sextas,
a partir das 17 h.

**FERREIRA DE CAMPOS
DULCE DE OLIVEIRA CAMPOS**

Advogados

Rua 11 n.º 877 — Telef. 922210
ESPINHO

médicos

DR.ª EMÍLIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º
Telef. 921891 ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16
às 19 horas

J. PINTO VALENTE

MÉDICO

Com prática dos Hospitais de Paris, doenças das senhoras, clínica geral

Avenida 8, n.º 238 — ESPINHO

Consultas a partir das 15 horas
Marcações pelo telefone, 920183

papelarias

**PAPELARIA ATLÂNTICO
NORTE, LDA.**

Av. 24 n.º 1013 — Telef. 922776
ESPINHO

(em frente à «Feira»)

Agente da «Texas Instruments»
Material de Escritório
Livros Escolares

tratamentos

**CENTRO DE ENFERMAGEM
DE ESPINHO**

Todos os serviços de enfermagem
oxigénio, camas articuladas, etc.

Horário:
das 9 às 12,30 e das 14,30 às 20 h.

Telefone, 921587

Telefone de urgência 922329
Noite

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO
Frente à Igreja

CALISTA

Consultas em Espinho

9 às 13 h. — 14,30 às 19 h.

Telefone, 923178

Rua 25 n.º 48 — Todos os dias



DESPORTO



INTERVALO

SÓ MUDARAM AS MOSCAS?

O futebol ainda tem força. E não vemos porque não há-de ter. O Atlético é um clube de Lisboa. De certa zona da capital. Os alcantarenses viram a «Tapadinha», o seu estádio, interdito. Como muitos outros clubes têm visto os seus campos. Erram os árbitros e as assistências entendem que devem fazer justiça. Ou os árbitros nem erram, mas os desmoralizados da bola querem ganhar, sempre, de qualquer jeito.

Face aos acontecimentos ocorridos na «Tapadinha», os competentes organismos federativos puniram o Atlético. Um Atlético de Lisboa. De características populares.

O Atlético reagiu. Os clubes reagem sempre. Ameaçou ocupar a ponte sobre o Tejo. Ameaçou mais coisas.

A Direcção Geral dos Desportos, acabou por endossar ao Secretário de Estado o assunto.

O Secretário de Estado suspendeu a interdição da «Tapadinha» e mandou instaurar inquérito.

A Académica de Espinho não é do futebol. É do hóquei. Do hóquei em patins. E não é de Lisboa. É de Espinho. Uma terra que só se recomenda por ser zona turístico-balnear.

Sucederam uma série de casos com a Académica, por causa da nomeação de arbitragens, quando do «nacional» da modalidade. A Académica reagiu. Expôs. Mandou telegramas. Pediu intervenção das entidades desportivas. A Imprensa deu conta de quanto se passava.

Mas, não era futebol. Nem um clube de Lisboa. De certa zona de Lisboa. E não houve ameaças de se tomar a Ponte... de Anta.

E, então, ninguém se preocupou em mandar fazer inquérito às anomalias existentes.

Apenas incoerência? Somente processos diferentes? Apenas a velha questão de privilegiados? E os outros? Ou, realmente, só mudaram as moscas?

CARLOS SÁRRIA

FUTEBOL

«NACIONAL» — 2.ª DIVISÃO ZONA NORTE

SP. ESPINHO, 1-VARZIM, 1

As equipas, dirigidas por Nemésio de Castro, de Lisboa, apresentaram a seguinte constituição:

ESPINHO — Abrantes; Ribeirinho, Washington, Gonçalves (capitão) e Amaral; Meireles, Gentil e Magano (Helder, aos 76 m.); Eduardo (Telé, aos 59 m), Lemos e Malagueta.

VARZIM — Fonseca; Cacheira, Quim (capitão), Artur e Leopoldo; Manafá, Ruben (Zé Manuel, aos 64 m) e Praia (Lima Pereira, aos 76 m); Marco Aurélio, Horácio e Jarbas.

Ao intervalo: 1-1. Marcadores: Jarbas (18 m) e Eduardo (22 m).

VILANOVENSE, 1 — ESPINHO, 0

Jogo no campo Soares dos Reis, em Vila Nova de Gaia. Arbitro: Leirão Soares (Leiria).

VILANOVENSE — Magalhães; Guedes, Alvaro, Fernando e Silvío; Bino, Gomes (Laurindo, aos 73 m.) e Quim Zé; Sampaio, Mota e Casimiro. (Félix aos 64 m.).

Treinador: Armando Oliveira.

ESPINHO — Abrantes; Ribeirinho, Washington, Gonçalves e Amaral; Meireles, Gentil e Magano; Eduardo, Lemos e Malagueta (Telé no 2.º tempo).

Treinador: Mário Morais.

Ao intervalo: 0-0. Marcador: Sampaio (aos 54 m.).

Dispondo-se num «4x3x3» «elástico» o Vilanovense coagiu para uma defensiva cuidada os homens da Costa Verde. Apesar desta toada, o Espinho quando o ansejo se lhe deparrava, atacava, fazendo-o quase sempre pelos pés de Malagueta, Eduardo e Lemos, este a revelar uma mobilidade tal, que nem parecia ter estado inactivo tão longo período. Foi assim que, Lemos aos 13 minutos disparou forte, mas contra um defe-

sa contrário. No ressalto a bola ficou ao alcance de Eduardo que recargou, sem consequências, porque no último instante surgiu um desvio providencial.

Aguardava-se curiosamente, pelo golo dos da «casa». Porém, e para sofrimento dos prosélitos do Vilanovense, ele só viria a surgir no período complementar, coroando um esforço que já parecia inglório. No seguimento dum livre, bem marcado por Gomes, Sampaio apareceu rápido a cabecear, tornando infrutífera a estirada de Abrantes. A partir daí os visitados retraíram-se guardando ciosamente a vantagem adregada.

Para o público local cada minuto passou a demorar «um século». Valeu na circunstância a serenidade de Fernando, Silvío é particularmente Magalhães, também valha a verdade, a maneira confusa como o Espinho atacara. Telé, rendendo Malagueta, não conferiu a agressividade esperada.

Notas altas para Abrantés, Amaral, Meireles, Eduardo e Lemos.

O árbitro teve actuação perfeita, para o que contribuiu a correcção dos atletas.

FESTIVAL GIMNODESPORTIVO

No passado dia 5 do corrente mês, o Departamento das Actividades Amadoras do Sporting Clube de Espinho, levou a efeito no seu pavilhão, o já tradicional festival de encerramento da época, que nos anos anteriores decorria com o título de: Sarau de Ginástica. Este ano, e vivamente interessados em tornar mais vasto e aliciante o referido certame, os responsáveis pelo DAA foram mais longe, e apresentaram a todo o público, quer associados quer não, familiares dos jovens presentes ou restantes espectadores, um programa composto por todas as actividades amadoras, à excepção da Pesca Desportiva que foi a única modalidade que se efectuou no exterior do recinto.

O programa teve a sua abertura às 15 horas, e coube a primeira actuação à Secção de Andebol de Sete, na qual os valorosos andebolistas em jogo de exibição mostraram aos entusiastas da modalidade que não é por mero acaso que o comportamento andebolístico nesta época, tem dado o que realmente se esperava; seguidamente pertenceu ao Voleibol, através de atletas, iniciados e femininas, a respectiva exibição que em poucos minutos especificaram aquilo que de há anos atrás se vem aprendendo. A terceira manifestação foi da parte do Atletismo, modalidade que também

se exibiu com algumas surpresas, ou não seja a actuação em recinto coberto mesmo a maior, visto os atletas intervenientes participarem e treinarem ao ar livre e faça calor ou tempestade (há excepções...); o Basquetebol antecedeu a Ginástica, e também constituiu novidade, pelo facto de o clube espinhense nunca o ter praticado oficialmente e de serem os seus intervenientes simpáticos e ainda jovens moças a iniciarem-se na modalidade.

O ponto mais alto, e esperado durante a tarde, era sem dúvida a grande manifestação da Ginástica, praticada há já alguns anos e que tem sido a grande fomentadora para a iniciação desportiva e para a tal massificação, que no S. C. E. se tornou realidade. A actuação visava demonstrar todo um trabalho aplicativo e técnico orientado pelos instrutores, às centenas de crianças e jovens presentes que constituíram sem dúvida a atracção do programa, depois de uma época de trabalho a cargo dos seguintes técnicos: Prof. Maria Meireles, Prof. Maria dos Anjos, Prof. Jorge Teixeira e Prof. Jorge Ramiro. Assistiu-se a distribuição de medalhas simbólicas aos ginastas para comemoração do encerramento da época e da entrega de um pequeno livro com o respectivo programa,

nomes e idades dos atletas intervenientes nas diversas classes de ginástica e respectivos professores.

Defesa de Espinho, presente ao acontecimento registou a opinião do Eng. Arménio Gomes, assim como do Sr. José Ribeiro

D. E. — Qual foi o motivo que levou o D.A.A. do S. C. de Espinho, à realização deste festival?

A. G. — O motivo foi proporcionar um convívio a todos os atletas das actividades amadoras e dar-lhes a oportunidade de uma vez pelo menos durante a época se juntarem numa actividade comum.

D. E. — Espera que isto venha a ter uma continuidade dentro do seio das camadas juvenis?

A. G. — Bem, parece-me que o S. C. E. já tem demonstrado que às camadas jovens tem dado amplo apoio e ao mesmo tempo recebido boa colaboração das mesmas, para fazer desporto dentro do clube, este convívio hoje é útil no despertar de novos assistentes, que ao verem os seus colegas de bairro, de escola e de trabalho aqui, hoje, a fazer desporto e a conviver, pode ser que sirva isso de incentivo para começarem a vir também para cá.

D. E. — Qual o seu desejo para o ano que virá a seguir, face ao desporto amador em Espinho?

A. G. — O ideal era que a Direcção Geral dos Desportos se viesse a sério para as actividades amadoras de todos os clubes, não só de Espinho mas também de outros lados; portanto, que o «Espinho» fosse na próxima época um desses muitos clubes a beneficiar de uma verdadeira acção da D. G. D., dentro do desporto português.

D. E. — O que pensa sobre este festival, um grande convívio de juventude?

J. R. — Sobre todos os aspectos penso que só o convívio, que diz tudo, é uma grande confraternização entre atletas, técnicos e dirigentes que todo o ano se encontram aqui pelo pavilhão e só isso é uma enorme satisfação e alegria; além de tudo, há mais um aspecto, que é o amorismo deste departamento do clube que tem uma actividade enorme, não anda em paragonas nos jornais, porque esse também não é o nosso fim; o nosso fim é realmente dar, na verdade uma preparação física, e alma sã no corpo sã. Nós temos técnicos profissionais qualificados, temos técnicos amadores competentes e também um grupo de dirigentes, que, modestia à parte, e eu já ando há muitos anos no desporto amador, ainda não vi uma equipa como esta: organizada e debaixo de um coordenador exemplar, que é o Sr. Eng. Arménio Gomes e tudo vamos fazer para que ele continue à frente do nosso departamento.

D. E. — Quais as suas perspectivas para o amanhã do S. C. E., visto estar a terminar a época?

J. R. — A minha fé no futuro, frente ao que eu vejo aqui, é mesmo realidade, pois estão aqui centenas de crianças, centenas de jovens e não estou a exagerar, vejo mesmo adultos dedicados a isto; não sei, como já disse, se o Sr. Eng. Arménio vai continuar à frente do clube, pois nós gostávamos que sim e que ele arrastasse com ele a mesma equipa. Tenho fé que isto não pára e não pode parar, porque o futuro pertence aos jovens, e mesmo os adultos que mandam nisto não são velhos, são jovens; porque velho só o farrapo.

A organização do festival gimnodesportivo para encerramento das actividades amadoras do Sporting Clube de Espinho-Época de 1975-1976, através das colunas deste Jornal, envia os agradecimentos à Solverde por ter cedido gratuitamente as suas instalações para um convívio juvenil levado a efeito no cinema do Casino, na tarde de 6 de Junho; agradece também ao pessoal que gratuitamente colaborou, para que centenas de crianças tivessem a oportunidade de assistirem a uma sessão de desenhos animados.

Placard de Resultados

FUTEBOL

«Nacional da II Divisão»

S. C. E.-Varzim 1-1

S. C. E.: Abrantes; Ribeirinho, Washington, Gonçalves e Amaral; Meireles, Magano e Gentil (Helder); Eduardo (Telé), Lemos e Malagueta.

Jogo que iludiu a expectativa; resultado justo; Jarbas fez 1-0 (18 m.) e Eduardo 1-1 (22 m.) o «campeão» não se mostrou, os «tigres» continuaram a ser como vem sendo hábito esta época Eduardo e o treinador Morais, mais o varzinista Manafá, viram o «amarelo».

«Torneio de Veteranos»

S. C. E.-Progresso adiado

«Taça Nacional de Iniciados»

S. C. E.-Silves 3-3
O S. C. E. foi considerado vencedor por penalties.

Classificação Final

- 1.º — Belenenses
- 7.º — S. C. E.
- 8.º — Silves

VOLEIBOL

«Taça de Portugal» (eliminatória)

F. C. Porto-S. C. E. 3-1

Próximo Domingo:

S. C. E.-Ac. Braga (Feminino)

HÓQUEI EM CAMPO

«Regional de Iniciados»

Ovarense-A. A. E. 0-4

Triunfo justo e amplo dos jovens espinhenses em confronto com os seus comparsas «vareiros», realçando-se o trabalho do habilidoso José Silva bem apoiado pela restante equipa.

«Regional de Infantis»

A. A. E. (B)-F. C. Porto . . . 0-2
Ed. Física-A. A. E. (B) . . . 1-5

A. A. E. (A)-F. C. Porto . . . 9-1
A. A. E. (A): Vitor; Salvador, Sousa (1), Vitor Hugo (5) e Gabriel (3).

Um jogo onde todos os desportistas deveriam ter estado! Foi, sem dúvida, o mais espectacular realizado pelos «campeões» nesta época; a verdade é que os miúdos da Académica foram verdadeiras «máquinas» de hóquei patinado, uma excelente jornada desportiva.

ANDEBOL DE SETE

«Fase Final da 3.ª Divisão»

S. C. E.-Port. Desportos . . . 33-14

Classificação actual:

J V D P
1.º S. C. de Espinho . . . 4 4 - 12

ATLETISMO

Grande Prémio das Devesas (Gaia)

Sairam certas as previsões dos responsáveis, ao prognosticarem que o «N.A.A.S.C.E.» seria a atracção principal da prova realizada, em Gaia, no passado domingo. Participaram 30 atletas, na sua maioria jovens, na média dos 11 anos, e os resultados foram os melhores da época, salientando-se, principalmente, as vitórias em «pré-infantis» e «infantis». Mas, deixemos à análise dos desportistas as excelentes classificações:

800 m. (8, 9 e 10 anos) — 34 atletas

- 1.º António Natário, NAASCE
- 2.º José Vieira, NAASCE
- 6.º João Augusto, NAASCE
- 13.º Joaquim Fortuna, NAASCE
- 15.º Vítor Pereira, NAASCE
- 24.º Álvaro Fautsino, NAASCE
- 25.º Joaquim Rachão, NAASCE
- 34.º Luís Lei, NAASCE

1.600 m. (11, 12 e 13 anos) — 44 atletas

- 1.º Augusto Rachão, NAASCE
- 3.º Arlindo Cabral, NAASCE
- 16.º Mário Alberto, NAASCE
- 24.º António Ribeiro, NAASCE
- 25.º João Pinhal, NAASCE
- 28.º Joaquim Nogueira, NAASCE
- 35.º José Faustino, NAASCE
- 42.º José Silva, NAASCE
- 44.º José Neves, NAASCE

2.400 m. (14, 15 e 16 anos) — 35 atletas

- 12.º Domingos Pinto, NAASCE
- 23.º Jorge Silva, NAASCE
- 28.º Manuel Ribeiro, NAASCE

800 m. (8, 9, 10 e 11 anos) — 15 atletas

- 3.ª Maria Cecília, NAASCE
- 5.ª Cristina Graça, NAASCE
- 9.ª Isabel Guedes, NAASCE
- 10.ª Maria Pinho, NAASCE

1.600 m. (12, 13 e 14 anos) — 15 atletas

- 2.ª Maria Manuela, NAASCE
- 3.ª Laura Alves, NAASCE
- 7.ª Rosa Silva, NAASCE
- 11.ª Maria Fátima, NAASCE
- 12.ª Maria Santos, NAASCE

PAULO MALHEIRO

TANTAS VEZES VAI O CÂNTARO À FONTE...

Estava a provocar um muito justificado mal estar a onda de assaltos que se vinha verificando, nos últimos tempos, na Cidade. Assaltos de características semelhantes iam sendo feitos, e os meliantes só rapinavam dinheiro e objectos de interesse mais corrente, costumando-se a deixar desenhos e escritos nas paredes, próprios de garotos, ou a fazer estragos que demonstravam estar-se em presença de *amadadores*, que *fugiam à mãe* para ir armar a homens. Aliás, é costume muito em voga..., dos cinco presos três são es-

tudantes o que deixa concluir que o provar emoções fortes, que os estudos naturalmente lhes não proporcionavam, devia ser a principal causa motivadoras dos promissores protentos em andarem a fazer assaltos. E como a maioria dos objectos furtados estava armazenado em casa da mãe dum deles, demonstra que os *divertidos meninos* não sabiam o que fazer às *crias* que arranjavam.

Na madrugada da última quarta-feira a P.S.P. recebeu um telefonema a avisar que estavam a assaltar o Supermercado Dómus situado na

Rua 41. Deslocaram-se ao local, no carro patrulha, dois agentes, Manuel Maduro e Costa Antunes, que nada de anormal verificaram no mencionado estabelecimento. No entanto ao darem umas voltas ao local depararam com um indivíduo suspeito a quem interpelaram. Perante o mal estar que provocaram ao noctívago, resolveram a sua detenção. Mas, entretanto apareceu outro a ver o que se passava. Com também não sabia dizer ao que andava seguiu com o primeiro para a esquadra. Aí foram identificados: José Orlando Fraga de 24 anos, solteiro, desenhador decorativo e morador na Rua 41 n.º 388 e José de Amorim Reis, o «Freddy», de 17 anos, solteiro, estudante, morador na mesma Rua no n.º 442.

Depois de habilmente interrogados os *divertidos larápios* denunciaram outro comparsa: António Manuel Maganinho, de 21 anos, solteiro, motorista e morador no Bairro Piscatório. Dentro da furgoneta, pertença de sua mãe, estava o furto da noite ao supermercado.

Depois disseram o nome de mais dois: Francisco Carlos Garibaldi Tarrinho de 21 anos, solteiro, estudante e morador na Rua 16 n.º 1024 e José Manuel da Silva Oliveira, de 19 anos, solteiro, estudante e morador na Rua 14 n.º 1092.

Da ferramenta utilizada nas *brincadeiras* faziam parte uma colecção de 70 chaves, pois tinham *fanado* todas as chaves da Escola Preparatória Sá Couto por nada mais poderiam levar.

O *palmarés* da quadrilha é o seguinte:

— Ao restaurante «Cabana» donde levaram a aparelhagem sonora, vinhos e um acordeão, tudo no valor de mais de 110 contos; à papelaria e livraria «Livrália» onde, entre outras coisas, furtaram um cofre com 15 contos; às papelarias Académica e Jovial; ao Posto Médico da Caixa de Previdência; à cantina da Fosioreira Portuguesa; à Praça de Touros e à Estação do C.F. da praia da Aguda.

O valor do assalto ainda não está apurado.

Ao António Maganinho foi ainda apreendida liamba (em semente e para fumar).

A P.S.P. ainda não conseguiu apurar a quem pertencem os seguintes objectos:

Uma máquina de somar «Olympia»; Uma máquina de escrever «Consul»; Três marcadores e um rádio leitor de cartuchos.

Os ratoneiros, depois de entregues ao poder judicial, foram remetidos para a cadeia de Custóias.



Alguns dos objectos apreendidos aos assaltantes

OS «ACELERAS»

E A AVENIDA DA PRAIA

Apesar de vivermos num período de austeridade existem ainda, infelizmente, em Espinho, como em todo o lado, condutores mal informados, alguns, e desrespeitadores, outros.

A gasolina, sendo cada vez mais cara, não foi ainda capaz de eliminar certos «aceleras» que, conduzindo duma maneira tão irresponsável, chegam ao cúmulo de aumentar, gradualmente, o consumo de gasolina do seu automóvel em cerca de 60 %.

A época balnear está à porta e se durante a semana são,

Por ALBERTO ABREU

ainda, poucos os frequentadores das praias, aos fins da semana o número sobe consideravelmente.

São muitas as crianças que, com todo o direito que lhes assiste, saem dos automóveis, estacionados por exemplo no parque defronte ao «Cabana» e largam-se em longa correria em direcção à praia. Outras há que saem do areal para ir buscar qualquer coisa deixada no automóvel tendo de atravessar aquela avenida sobranceira à praia. Tem-se visto que a inconsciência de certos condutores chega ao cúmulo de fazer o trajecto, tanto da parte norte da Avenida Oito como das partes central e sul da Avenida Dois, em loucas correrias, com o acelerador a fundo, paragens bruscas e arranques profundos, sem pensarem nas crianças que, normalmente, fazem travessias de ruas de qualquer forma e sem repararem na possível aproximação dum automóvel ou de outros transeuntes.

Urge, portanto, apelar para a consciência (?) de todos os condutores no sentido de rolarem nas ruas e avenidas próximas das praias, e nas outras claro, a uma velocidade moderada, tendo presente que, em qualquer instante, poderá surgir a atravessar a via qualquer criança inadvertida, um adulto menos precavido.

Como sabemos que este apelo somente irá ser acatado por I condutor em cada 100 seria conveniente, e útil, a estipulação de velocidade nas ruas julgadas mais atreitas a este tipo de acidente neste período de veraneio. E, seguidamente, os agentes responsáveis tomarão uma atitude firme e decidida para fazerem cumprir o que vier a ser determinado para bem, afinal, de toda a comunidade, pois a primeira vítima poderá ser, precisamente, um dos nossos filhos ou irmãos, ou mesmo dos próprios «aceleras»!

do acaso.

Por JOTA

Muito se tem falado da violência nos recintos desportivos. Muito se tem criticado, com a intenção de se conseguir uma melhoria de atitudes e comportamento das pessoas. Tudo em vão.

Coitado do crítico que, se não é possuidor de uma boa dose de força de vontade e persistência, desmobiliza. Porque há pessoas que não admitem que a razão possa estar nos outros.

Mas, pertencemos ao número daqueles que, de uma maneira ou de outra, desde que haja motivo, sempre denunciaremos o que nos pareça estar mal, com intenções construtivas, evidentemente.

Mas, voltando ao tema inicial, de que nos vamos desviando, muito se tem falado da violência nos recintos desportivos, diziamos, por parte de uma assistência por vezes descontrolada quando as coisas não correm de feição, culminando em invasões de campo, agressões dentro e fora do rectângulo, na maior parte dos casos sendo vítima principal o árbitro, bode expiatório dos maus fígados de tais assistentes.

E da violência dentro dos recintos, propriamente ditos? Jogadores contra jogadores? Ali, onde o espírito desportivo, a sã convivência e camaradagem devia ser a tônica dominante?

Pouco, muito pouco mesmo. Pois a verdade é que se assiste a um crescendo de violência mal disfarçada, fruto da intolerância e da má formação desportiva de alguns atletas, os quais, em vez de enriquecerem o espírito e confraternizarem desportivamente, aceitando a superioridade do adversário quando ela se evidenciava, enveredam por uma toada de dureza mal intencionada e maldosa, que visa sobretudo a integridade física do parceiro da parte contrária.

Nós nem queremos falar do futebol e de alguns seus praticantes. Desses, enquanto as mentalidades se não alterarem, quase diríamos que não há nada a fazer. Mas falaremos dos chamados desportos pobres. Por exemplo, do Hóquei em Patins. E nem sequer referiremos os adultos, os Sêniores, muito embora aí também haja muito a dizer e de que maneira. Porém, esta nossa reflexão incide essencialmente nas camadas mais jovens, nos Infantis, Iniciados e Juvenis.

É com mágoa que o dizemos, mas temos assistido a alguns jogos, em que as idades dos praticantes vão dos 10 aos 16 anos e alguns, Santo Deus, podem não ter grande habilidade para a modalidade, mas para a porrada sopra-lhes jeito e mau génio. É pena que de muito novos comecem desde já a criar dentro de si tão maus instintos e a envenenar o espírito, cultivar a violência, que estraga os espetáculos e gera violência. É pena. Mas, mais pena é quando alguns dirigentes não previnem essas tendências enquanto é tempo, numa idade em que tudo é possível fazer e em que o barro ainda é moldável. Mas, não é só pena, é lamentável, quando, ao invés, são os próprios dirigentes e treinadores a recomendarem certas «táticas» menos próprias. Não está certo. Isto não é desporto, não é assim que se formam atletas, não é assim que se fazem Homens. Felizmente ainda há excepções. E neste aspecto, felizmente, a nossa Académica é uma delas.

Constituição da República Portuguesa

(Continuação do número anterior)

CAPÍTULO III

Direitos e deveres sociais

ARTIGO 63.º

(Segurança social)

1. Todos têm direito à segurança social.
2. Incumbe ao Estado organizar, coordenar e subsidiar um sistema de segurança social unificado e descentralizado, de acordo e com a participação das associações sindicais e outras organizações das classes trabalhadoras.
3. A organização do sistema de segurança social não prejudicará a existência de instituições privadas de solidariedade social não lucrativas, que serão permitidas, regulamentadas por lei e sujeitas à fiscalização do Estado.
4. O sistema de segurança social protegerá os cidadãos na doença, ve-

lhice, invalidez, viuvez e orfandade, bem como no desemprego e em todas as outras situações de falta ou diminuição de meios de subsistência ou de capacidade para o trabalho.

ARTIGO 64.º

(Saúde)

1. Todos têm direito à protecção da saúde e o dever de a defender e promover.
2. O direito à protecção da saúde é realizado pela criação de um serviço nacional de saúde universal, geral e gratuito, pela criação de condições económicas, sociais e culturais que garantam a protecção da infância, da juventude e da velhice e pela melhoria sistemática das condições de vida e de trabalho, bem como pela promoção da cultura física e desportiva, escolar e popular e a-

(Continua na 3.ª pág.)

OBJECTIVO ③

Ora, é lá de acreditar! Pode lá ser! Mas, ouvidos indiscretos, escutaram de bocas fidedignas e responsáveis, que houve quem, há bem pouco tempo, muito depois das obras da rua 19 terem começado (e de, até, nas colunas do nosso jornal termos mostrado estranheza pela solução dada àquela via, sem, antes de tudo, se conhecer a opinião da população, mormente dos principais interessados), se tenha dirigido à Câmara, para solicitar que, de futuro, o trânsito fosse fechado ali... a partir da rua 14 para baixo. Não sabemos que a rua 19 só o era da rua 14 até à rua 8! Ficamos a saber, como ficamos a saber que, infelizmente, se continua a optar por resolver os problemas de todos pela forma mais incorrecta: defendendo, apenas, os interesses de alguns.

Comissão do Turismo

ESPINHO

SEMANÁRIO
AVENÇADO

edit
Início
uma vez, co
Para a
poder popul
significa, to
Mas o próxi
mais alto M
história do
jogo a noss
a Liberdade.
A Econ
tica não pod
gosto e sen
não se alcan
a espécie de
verá Trabal
numa obra
defendemos,
Notam
festações qu
que os portu
sário actuar
midade das f
eleitoral dar
Alertam
Em Den
Sabemo
e que, no fim
de matemátic
sultados pouc
visados.
Ninguém
devem manifi
E com
tória da Dem
de que a vor
tada, com o
a autoridade
HOS
Comunicação d
Hospital de Espi
realizada em Li
Junho, com o S
Estado da Saúde.
Compareceram
representando a
Junta de Fregu
de Espinho, Jor
Administrativa
rio Socialista e
Hospital de Espi
PONTOS DE DEB
a) Situação
reclassifica
Comissão
PONTO A: H
piação pode fic
diminuir a sua
O Hospital con
Para os mesm
tara de ser dime
estrutura global h